POEMAS APÓCRIFOS DE PAUL VALÉRY

TRADUZIDOS POR MÁRCIO-ANDRÉ

POEMAS APÓCRIFOS DE PAUL VALÉRY

TRADUZIDOS POR MÁRCIO-ANDRÉ

{ }

Rio de Janeiro 2014



© 2014 Márcio-André

Coleção Os Contemporâneos

Coordenação editorial Karla Melo Pedro Moura Ronaldo Ferrito Victor Paes

Projeto gráfico e capa Alemterra Graphic Designs

Imagem da capa Old Typewritter, de Todd McLellan

Assistência de design Clara Grivicich

Revisão

Laurent Winkler Victor Paes

Comercial

Irlim Correa Lima

Márcio-André

Poemas apócrifos de Paul Valéry traduzidos por Márcio-André / Márcio-André Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014. 180 p.: 160 x 230 mm Coleção Os Contemporâneos ISBN 978-85-60676-86-6

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD: B869.1

CDU: 869.0(81)-1

CONFRARIA DO VENTO

Av. Treze de Maio, 13/2010

Cinelândia - Rio de Janeiro/RJ 20031-007

Telefax: (21) 2533-3587/3936-3940

www.confrariadovento.com

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

SUMÁRIO

Introdução

7

Toda matéria é leve quando dita levemente

21

BESTIARIUM IMAGINERIA

51

Livro das observações maquinais

71

BIBLIOTECA-TANGERINA

83

DEBUG IS ON THE TABLE

99

Joia

103

Campos semânticos

107

 C_{AZAS}

129

Monsanto

157

O EVANGELHO SEGUNDO A ÁGUA

167



INTRODUÇÃO

Breve relato quase esclarecedor

tornar puramente possível tudo o que existe Alfabeto, Valéry

Como tudo o que existe e é definitivo, a materialização deste livro é fruto de uma casualidade. Claro que, para tornarmos a realidade mais crível, podemos acordar que toda casualidade é parte de uma ficção maior. Isso talvez explique com coerência satisfatória como um encontro acidental em 2007 acabou por me levar a uma aventura intelectual, legal e física digna de uma peça farsesca que, por fim, culminou na primeira tradução desta obra tão atípica no repertório de um dos poetas mais importantes do séc. XX. O encontro se deu numa tarde de junho, na Place Saint-Sulpice, em Paris. Eu observava os livros nos estandes montados para o Marché de la Poésie, quando, diante da banca das edições Flammarion, troquei algumas palavras com uma senhora chamada Martine. Foi o início de um bate-papo entusiasmado sobre poesia, que finalmente terminou numa reunião à volta da mesa de um café junto a vários outros poetas que participavam comigo das leituras do evento, entre os quais, recordo, se encontravam a canadense Nicole Brossard, o francês Serge Pey e o americano Stephen Rodefer. O que eu não podia suspeitar naquele momento é que aquela senhora, aparentemente deslocada do contexto de livros e escritores, se tratava da neta de Paul Valéry. Tornamo-nos amigos e pouco tempo depois tive a oportunidade única de conhecer François Valéry, filho do mestre, já no final da vida, além de ter acesso, na Bibliothèque Nationale de France, aos manuscritos do poeta que por tantos anos admirei em traduções esparsas ou em edições importadas. Mas o que para mim já era uma descoberta guardava uma surpresa ainda maior. Nas vezes seguintes em que voltei à França, nunca deixava de tomar um café com Martine. Em um desses encontros, vim a ter conhecimento de um conjunto de originais do seu avô que permanecia ainda inédito devido a problemas de autenticidade. Uma reunião de dez obras (entre poemas independentes – curtos e longos –, grupos maiores de poemas que poderiam separadamente constituir livros à parte e até um verso datilografado numa carta de baralho) que vinha gerando controvérsia suficiente para amedrontar uma das casas editoriais mais tradicionais da França, devido ao nome que tinha por zelar. E é claro que eu – que não tinha nome algum por zelar – me interessei pelo assunto.

Os tais originais foram encontrados logo após a morte de Valéry, reunidos em uma pasta de arquivos entre seus pertences íntimos, e não no escritório, como todos os outros manuscritos. Estavam separados em envelopes pardos (à exceção do poema-carta, solto entre os envelopes) que levavam estampado o nome do conjunto que cada um continha. Os poemas, por sua vez, não possuíam datas, comentários, rasuras a mão, nem nada que desse mais alguma pista sobre eles. A natureza dos textos era bastante heterogênea em termos estéticos e de proposta de escrita, indo de experimentos tipográficos a versos narrativos ou mesmo de verve mais lírica. Assim como os seus famosos *Cahiers*, que foram também encontrados após sua morte e fomentaram lendas e especulações por décadas antes de terem sido finalmente organizados e publicados, supõe-se que este conjunto misterioso tenha sido escrito no decorrer de muitos anos. Entretanto, diferente dos *cadernos*, com longas pausas entre cada obra.

Na época, Mme Valéry, diante de textos cuja atribuição ao autor de *Alphabet* seria dificilmente aceita e que levantariam as mais inflamadas divergências entre familiares e editores, não viu outra opção além de deixá-los arquivados. Somente quarenta anos mais tarde o material foi redescoberto e submetido a professores especialistas na obra do poeta, nomeadamente o então recém-criado *Groupe de recherches valéryennes*, da Université Paul Valéry – Montpellier III, comandado por Nicole Celeyrette-Pietri, que nessa época já havia estudado os *Cahiers* e outros manuscritos, tendo em vista sua organização, transcrição e publicação. Porém, ao contrário destes, o nosso conjunto misterioso passou mais de vinte anos sob avaliação sem que o corpo de estudos chegasse a um consenso quanto a autenticidade. Ainda que eles conhecessem a fundo a singularidade do estilo que Valéry consagrou em sua obra "oficial", tinham em mente também que ele testou vários projetos de escrita "por diversão", alguns inclusive levados a se tornarem parte de seu repertório. Sobretudo nos anos em que esteve sem

publicar, conforme anotou nos próprios *Cadernos*, Valéry experimentou compor propostas radicalmente distantes daquelas a que estava habituado, a fim de encontrar possibilidades estéticas ainda não exploradas em seu trabalho, porém, segundo ele, com "resultados desastrosos, pouco aproveitáveis e que davam vergonha de serem mostrados" ("Poétique et poésie", In: *Cahiers Paul Valéry I*, Paris: Gallimard, 1975). Como não foi indicado qual seria o material resultante dessas pesquisas pessoais ou onde estaria, permanece a forte sugestão de que estes poemas poderiam ser, afinal, as tentativas "desastradas" referidas em seu diário. Corrobora para isso, segundo observou Nicole em seu ensaio *Les recueils mystérieux de Paul Valéry (Rapport annuel du Groupe de recherches valéryennes, edition 12*, Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005), o fato de que alguns versos parecem fazer menção a fatos específicos da vida do autor, e, caso fossem aceitos como sendo de sua autoria e submetidos a estudos de ordem biográfica, poderiam ser mais ou menos precisadas as datas de sua criação.

Mas, então, por que esses textos estariam separados dos outros? E por que não foram encontradas as suas versões originais escritas a mão, já que Valéry datilografava os poemas somente no momento de enviar para a edição? A verdade é que muitos são os pontos que atrapalham a aceitação da autoria de Valéry. Uma das hipóteses defendidas por aqueles que duvidam dela é de que os manuscritos tenham sido remetidos por jovens autores para sua apreciação e, por algum motivo, ele os tenha preservado para si. Ainda que essa proposição também esbarre em um problema óbvio para ser totalmente aceita – o de não haver qualquer menção aos autores – ela ganha força no fato de que de um envelope para outro variam a máquina e o tipo de papel em que os textos foram datilografados. Na verdade, cada material em um envelope tem uma "origem" completamente distinta da do outro, sendo possível reconhecer tipografias de máquinas com teclados distintos dos teclados franceses, alguns com caracteres especiais, incomuns na época. Essa teoria nos obrigaria, claro, a pensar numa atitude até bem pouco louvável do poeta em tentar dissociar os poemas de seus supostos verdadeiros autores, apagando qualquer rastro que os relacionasse aos textos - hipótese que a família sempre repudiou.

O problema é que as diferenças estéticas e tipográficas entre os textos não só não elimina a dúvida, como a acentua de forma peculiar, pois, se por um lado isso pode nos fazer entender que tais textos têm autorias diferentes, por outro, poderiam simplesmente indicar que Valéry os escreveu em épocas distintas, nas máquinas datilográficas que ele teve no decorrer de sua vida. Desfazer essa dúvida exigiria muito mais recursos. Talvez algum estudo químico, biográfico e comparativo, sobretudo para descobrir quantas máquinas Valéry teve, comparando as marcas e o tipo de letra impressa, assim como a comparação com seus originais "oficiais" datilografados para enviar às editoras, que hoje se acham espalhados ou desaparecidos. Isso, obviamente, mostrou-se inviável pelo dinheiro demandado para tais estudos e pela impossibilidade de localizar essas máquinas.

O fato é que, nem atestada, nem desatestada a autenticidade do conjunto, a Gallimard recuou diante da possibilidade de publicá-lo. Como a editora assegurou um contrato de exclusividade de publicação da obra de Paul Valéry na França, a família se viu igualmente impedida de lançar o material por outra editora. Tampouco interessa à família que a obra caia em domínio público - o que talvez possa vir a acontecer efetivamente somente em 2045, já que pela lei francesa, sob determinadas alegações referentes à condição da morte do autor (à qual pode ser atribuída "Mort pour la France"), pode ser solicitado que os direitos autorais sejam mantidos por mais trinta anos além dos habituais setenta. Formava-se um impasse lógico-legal: se por um lado a Gallimard não queria arriscar a publicação de uma obra que poderia comprometer a seriedade e o nome da editora (que poderia sofrer até mesmo um processo judicial, caso os descendentes do verdadeiro autor - ou autores - reivindicassem a autoria), por outro, não queria permitir o uso do nome que era de sua exclusividade, até porque isso poderia pesar eticamente contra ela.

A proposta que fiz à família Valéry, portanto, lhes pareceu extremamente atraente: publicar os textos no Brasil reunidos em uma edição bilíngue, uma vez que pela lei brasileira a obra cairá em domínio público invariavelmente em 2015. A concordância foi imediata e comecei os trabalhos tão logo pude escanear o material. Entretanto, a lógica duvidosa das leis internacionais dos direitos de autor sugeria uma situação provavelmente inédita e, após o trabalho ter sido finalizado e já estarmos no meio das preparações para o lançamento no ano seguinte, fomos advertidos pelo advogado da editora que seria arriscado reproduzir os textos originais junto com a tradução. Não estando os textos publicados em seu país natal, a entrada em domínio público pela lei brasileira (70 anos após a morte do autor) sequer pode ser considerada. Neste caso, o absurdo legal mudaria de foco: não haveria problema em usar o nome *Paul Valéry* fora

da França ou mesmo a tradução do livro para o português, porém, estando toda a obra dele sob exclusividade da Gallimard, não seria possível publicar os textos originais supostamente atribuídos ao autor sem antes terem sido publicados pela editora francesa. Eis por que a edição bilíngue é negada até que se chegue a uma improvável confirmação de autoria ou a obra caia em domínio público na França. Diante de tantas dúvidas, falta de comprovações, ambiguidades legais e um trabalho já pronto para ser impresso, achei desnecessário esperar um ano e antecipei a publicação da minha tradução. Era uma forma de livrar-me do impacto negativo que o impedimento havia tido sobre mim, que passei tantos anos planejando cada detalhe dessa edição. Mas, ainda que a versão em português não compense totalmente a falta dos poemas originais (que, vale lembrar, continuam disponíveis para consulta na Bibliothèque Nationale de France), é somente através dela que por ora tais poemas podem vir à luz para o público brasileiro.

A dúvida oficialmente permanece e eu mesmo tive minhas conviçções abaladas durante os sete anos trabalhando na tradução. Porém, o próprio Valéry escreveu em Tel quel: "a obra dura enquanto parecer diferente daquela que o autor tinha feito" (Paris: Gallimard, 1943). O rigor fez Valéry buscar na criação poética o exercício da precisão, almejando evidenciar e radicalizar o que chamou de "poesia pura": o valor do poema que reside na indissolubilidade entre o som e o sentido e que se revela não pelo gênio do poeta, mas pela capacidade em si que, independente do seu autor, o poema tem de provocar no leitor o estado poético. Seguia em direção a uma poética do outro, já que esse outro poderia ser também simulado a partir de um espaço fora da subjetividade, entre a "Presença e a Ausência", surgida de "quelque moi merveilleusement supérieur à Moi" ("Poésie et pensée abstraite", In: Variété V, Paris: Gallimard, 1944), o que nos permite aceitar e compreender o empenho com o qual ele teria tentado criar obras que "não lhe pertenciam". Ele poderia sim ter se dedicado a pensar como pensariam os outros poetas nele mesmo.

Diante disso, me pergunto se Valéry não teria planejado tudo; se não teria, como uma grande piada, eliminado os rascunhos escritos a mão e guardado a pasta com os textos longe de seu escritório, junto de suas cuecas e meias, prevendo que, após sua morte, isso gerasse toda uma especulação autoral maior do que deveria. Se foi esse o caso, provavelmente ele estaria agora rindo da nossa cara, além de comprovando mais

uma vez a sua genialidade ao debochar de sua própria aposta no rigor e exatidão intelectuais para o conhecimento humano e prever uma era em que versos apócrifos de autores consagrados surgem diariamente nas redes sociais e na qual artistas implantam obras falsas em museus prestigiosos, assim como surgem constantemente notícias sem origens, citações de enciclopédias misteriosas, documentários sobre temas irreais e biografias inventadas. Um reflexo espontâneo, autônomo e popular do espírito lançado há décadas (talvez antes) por Borges, Pessoa, Calvino e pelo próprio Valéry e massificado pelas gerações imediatamente seguintes de escritores, atores, comediantes, radialistas, artistas visuais, roteiristas de televisão e cinema. A maior questão de nossa era é a problematização das fronteiras, talvez inexistentes, entre ficção e realidade. A busca obcecada pela Verdade nos levou a tal quantidade de informação que tudo poderia ter sido inventado e é aí que a mentira passa a ser a única maneira de acreditarmos nas coisas do mundo. Com isso, Valéry - um crítico ferrenho da ideia do gênio romântico – estaria sendo seu próprio personagem ficcional, tendo inventado cinicamente a si mesmo da própria costela para as gerações futuras, que ainda mitificam os nomes sem tocarem as obras e que, por consequência, continuam sendo cúmplices passivos da estrutura hierárquica que sempre definiu e consolidou os nomes na história da literatura.

Ele mesmo afirmou "não apreciar as obras senão como ações". Sendo assim, esse livro seria o perfeito experimento da obra enquanto ação em si mesma e operação pelo leitor, colocando em prova a relevância do personagem autor para a verdade intrínseca ao texto. Descobriríamos assim uma faceta nova desse poeta apropriado quase que exclusivamente por intelectuais e acadêmicos, uma faceta anárquica e lúdica, aberta ao que ele mesmo não esperava de sua obra. E é justamente por isso que me parece mais importante a atestação de existência desses poemas magicamente surgidos do nada, que deixá-los desaparecer em meio a um debate inútil sobre autenticidade que já não tem a mínima importância nos dias de hoje. Mesmo que nunca venhamos a descobrir a verdade (se é que ela existe), devemos aceitar que isso pouco importa. Os poemas definitivamente não dependem de seu autor para serem julgados, sentidos e corporalizados. Eis, portanto, estes "poemas apócrifos" que Valéry sonhou trazer para si e que eu agora, sonhando Valéry, trago para mim. Espero que o leitor também os leve para si, na incerteza que tenho para oferecer.

Sobre a tradução

Em relação ao trabalho de tradução, procurei manter-me o mais fielmente próximo do original. Entretanto, devido a alguns trechos que seriam intransponíveis em outro idioma, não foi possível traduzi-los sem aceitar o desafio da recriação. Ainda que eu não tenha alterado nenhuma das referências toponímicas, históricas e pessoais que permeiam os poemas, houve casos em que um trabalho de quase total desmontagem foi necessário. Foi o caso deste verso de *toute matière est légère quand elle est dite légèrement*:

contre ce vide enviée eau-de-vie jusqu'à l'oubli évidé

A solução encontrada pressupunha um sacrifício do sentido original em prol do jogo fonético:

contra esta ausência aguardando aguardente até que se descuide do aguardo

Enfrentei maior dificuldade em versos mais compactos e que, portanto, representavam um desafio devido ao seu poder de síntese. Foi o caso do poema bibliothèque-mandarine, em que o par "mandarine, immangeable" me pareceu irreproduzível em sua simplicidade. O poema nos faz crer que o adjetivo "immangeable" guarda a própria essência da "mandarine", como se a palavra "incomestível" em francês tivesse "comido" morfologicamente a palavra (e, com simetria linguística, a fruta) "tangerina" e a guardasse em seu estômago, enquanto espécie de radical-semente. Jogo irreproduzível em português, a solução encontrada foi traduzi-la por "intangível" — que leva até alguma vantagem em relação à original, ao conter quatro letras de "tangerina" se comparado às três na palavra francesa. Essa "vantagem" ajudaria a redimensionar o sentido de "intangível" que, dentro do contexto, adquire dimensão digestiva. É como se "intangível"

pudesse se referir unicamente à fruta em questão, já que "tangerina" nos sugere imaginariamente possuir o mesmo radical da palavra "tanger". Acrescenta-se a isso a manutenção do prefixo de negação "in/im" que de alguma maneira ajuda no estranho anagrama fonético que "tanger*in*a" e "mandar*ine*" encontram em "*in*tangível" e "*im*mangeable".

De forma análoga, precisei repensar o neologismo-verso "lunelamelle-monocle" que foi recriado como "lua-lâmina-omoplata", mantendo a imagem muito próxima do original. A lua aplainada e ocular que aparece sonora e visualmente com dois olhos (em volta do nariz n) na ortografia de "monocle" manteve-se em "omoplata". A alteração foi necessária para manter o mesmo ritmo sincopado que "monocle" dá ao verso (efeito que se perderia caso eu usasse a palavra equivalente em português: "monóculo"), sendo que a alteração mais radical fica por conta da imagem circular da lua, que agora parece mais corporal, substituindo a assimilação do astro com uma lente.

Já no verso compacto, reiterativo e aliterativo "des yeux qu'eux —", do poema bestiarium imaginerie, em que os olhos maternos são aí igualados à imagem desse eles que a mãe é capaz de gerar, e pelos quais se pode entrever esse outro embrionário que ela leva em si mesma, a solução foi ainda mais inusitada. Para traduzi-lo, optei pela aliteração ortográfico-fonética "olhos que ilham —". Se por um lado penso ter conseguido reinventar o mesmo princípio sintático e visual que se perderia caso eu tentasse manter o sentido exato do verso, por outro, apostei num jogo que, pela referência interna, pode remeter ao mesmo sentido. A perda da referência direta ao outro seria compensada então pela inserção da ideia da mãe como ilha, remetendo diretamente ao verso "ali não sei onde sobre o pacífico/ entre hemisférios/ onde você foi feita filha/ e eu ilha da filha", de toute matière est légère quand elle est dite légèrement.

Muitos foram os momentos em que enfrentei dificuldades semelhantes a estas. Cheguei a compilar uma série de notas detalhando as escolhas mais delicadas, que pretendia inserir como apêndice a este livro. Entretanto, como não foi possível publicar o livro em formato bilíngue, isso acabou perdendo todo o sentido.

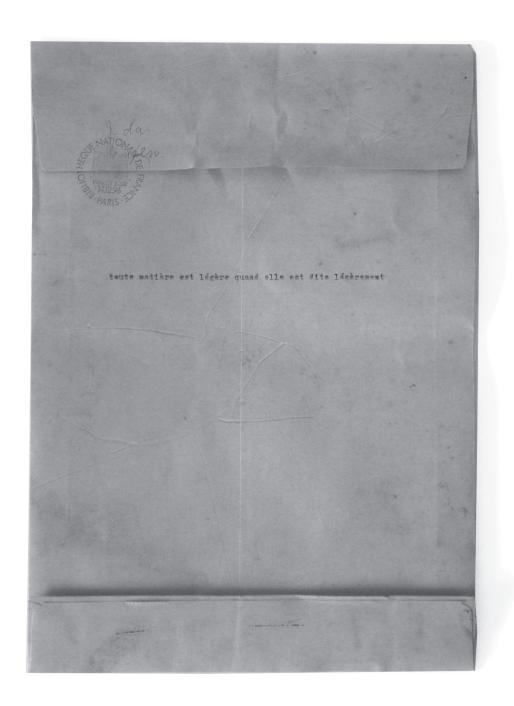
No caso do "poema-carta" debug is on the table, escrito originalmente em inglês, optei por manter a versão original.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

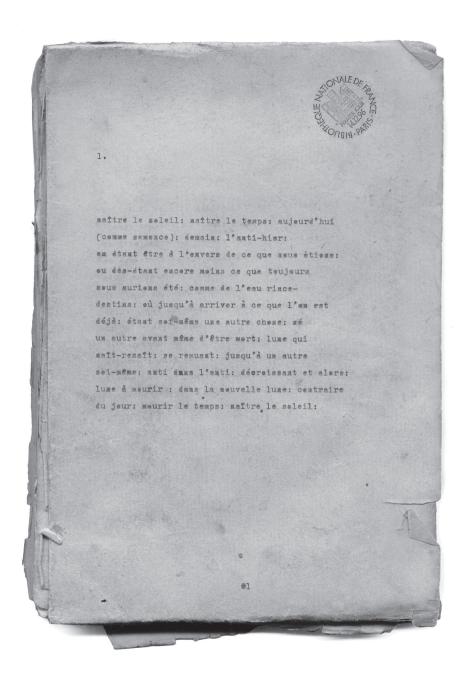
Este livro é composto de dez capítulos. Cada um deles corresponde a cada um dos conjuntos de poemas encontrados e seus títulos são exatamente aqueles estampados nos envelopes. A exceção fica por conta do poema *Debug is on the table*, que aparecia, tanto o título quanto o poema-ícone, datilografado em uma carta de baralho solta entre os envelopes. Nesse caso, nomeei o capítulo com o título que se encontrava estampado na própria carta. Nenhum poema ou fragmento foi omitido.

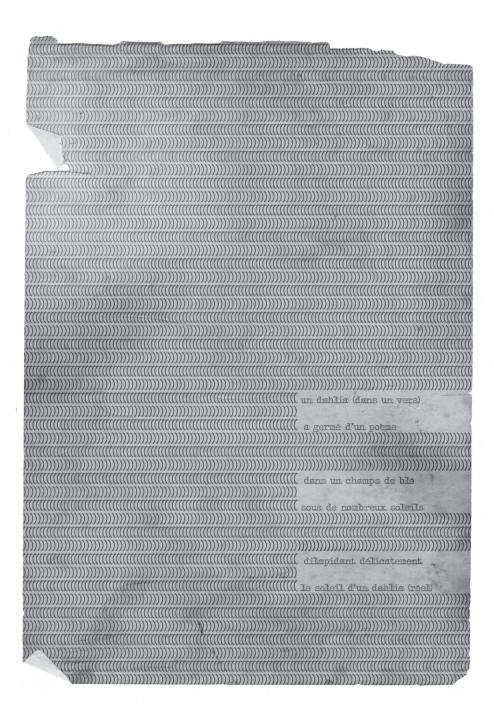
Não poderia terminar esse texto sem deixar o meu profundo agradecimento a toda a família Valéry, sobretudo a Judith Robinson-Valéry (in memoriam) e Martine Boivin-Champeaux, pela atenção, compreensão e busca de alternativas para viabilizar o projeto. Gostaria também de agradecer a Céline Rabartin, Ricardo Silveira, Viktória Váci e Laszlo Váci, por ajudarem no acesso e no registro dos originais, e a Arie Pos, Gustavo Olivieri, Karla Melo, Victor Paes, Igor Graciano e Ronaldo Ferrito, que auxiliaram na resolução de alguns problemas de tradução.

Márcio-André Paris, 22 de março de 2014



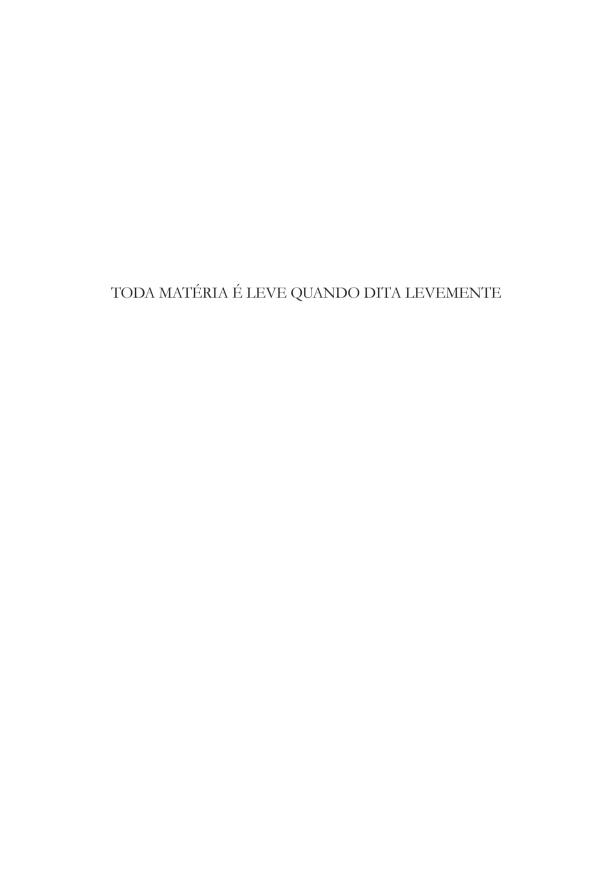
envelope dos originais de toute matière est légère quand elle est dite légèrement











poderia ter nascido em cada cidade do mundo com uma roupa diferente em uma casa diferente

e poderia ter tido

os mesmos amigos com outros nomes

e falar tudo outra vez

em diferentes línguas

para chegar a este mesmo instante

vindo de distintas trajetórias:

há tantos

infinitos dentro do infinito

e tantos nomes para a infinita possibilidade

de ser quem se é

que o infinito não se reduz à semântica de infinito:

num café de cada cidade

o mesmo grupo de gente

repetindo-se em outras caras

cumprindo os mesmos gestos

diante das mesmas piadas:

por mais distantes ou alheios

os lugares permanecem lá

à espera

do jeito que sempre foram

na nervura luminosa da noite suportando em si a mecânica de se vivê-los sair de casa sem o idioma e voltar ao mundo pelo caminho mais curto sair da cidade e sair do nome

> à espera que da ausência de antônimos surja uma qualquer semântica de afetos selvagens

toda fronteira é mais verbal que física:

no perímetro da língua

todo um contorno de corpo

e os pensamentos

só existem enquanto pensados na erosão do limite da expectativa do som pelo mínimo dialeto das máquinas:

serão as máquinas nossa única herança as únicas que nos rangerão

versos de amor até o fim

com sua devoção aos mantras

tentarão compor obra maior que a vida

sem entender que a única tarefa razoável do poeta

é noticiar o fim do mundo

```
o desfibrilador é antes relíquia verbal
       que um aparato do esqueleto:
       o tempo na palavra
tudo que era primeiro moveu-se no verbo
       mesmo a bomba cardíaca
       e seus vasos sanguíneos
é no verbo que as coisas despertam
       e a língua-que-não-diz
       o silêncio
       contrai cor ao átomo
       confere física aos elementos
       e falha a vida dali por diante:
o corpo está mais que em volta da espinha
       o corpo fabrica um lugar
       a cada estrela que ganha nome

o albatroz retém a alba no corpo –

       mastigar a palavra
       como se mastiga um coração
       da válvula às aurículas
cada palavra é um sacrário e um desígnio
```

no quintal ao lado
as formigas tinham o coração gigantesco
sincronizado ao relógio da casa
os moleques sobre o muro
afrontando o céu
e a noite avançando pelas terras de dentro
para outra época de outra gente
ainda com eles no meio:
aqueles garotos foram
o mundo inteiro
e hoje são somente aqueles garotos
levando consigo as possibilidades passadas
daquilo que serão agora
e nunca saberei:

a vida sobressaída – resultante

da paralaxe de mundos paralelos

ali onde o destino

deixa de funcionar

e ficamos por conta própria

sujeitos à influência gravitacional

de outro universo sobre o nosso

a pequena história de cada um

desmentindo a grande história do todo:

sou tantos que poderia ter nascido

em qualquer parte -

a infância é um engano

a respeito do que nos tornamos

na semente-labirinto a água invade as canaletas de plástico para rompê-las com sua energia de bomba atômica: atômica é a alma do foragido a semente é viajante do mesmo lugar para dentro para a terra biblioteca do que será um dia nós viajantes para o outro para fora para as profundezas do ar contra esta ausência aguardando aguardente até que se descuide do aguardo: a semente resiste à espera e ao fim da espera ante o inchaço de tempo nas águas: os vivos são também um sonho dos mortos geringonça hidráulica com a morte latente

bem antes de terem nascido

ao estar aqui não desejo estar noutro lugar a isso chamam *felicidade*:

num sebo em lima aprendi que fumar

é o mais extraordinário dos atos humanos até o ministério da saúde adverte:

a alma-flor do fumante pelos dedos fumar e ser feliz

e invejo cada fumante e livreiro

que reconhece no vagabundo o anjo que busca em si mesmo:

mas apesar de toda poesia contida no tabaco seguimos firmes sem ela

nascemos para dominar o mundo com delicadeza mas matamos qualquer inseto

que nos suba pelo braço:

nenhuma piedade para os que partiram só de ida

estar vivo é a forma mais banal de estar no mundo e corremos por ele

como topônimos de nós mesmos:

tantas vezes dormindo na beira dos rios em casas de desconhecidos que o mundo ficou simples

há algo de galáxia e estrela nas teias de aranha nas capitais formadas de dentro para fora

até a extremidade de cada habitante: as cidades que nos contêm

contidas no mapa de todos os subúrbios

é fácil habituar-se aos lugares difícil é deixá-los perder-se do trajeto diário até em casa desafeiçoar-se dos bares prediletos substituir as pessoas destemperar os relógios e as ruas com sua devoção aos mapas e às coordenadas numéricas: foi necessário césio 137 estrôncio 90 no coração para amansar todo o chumbo no sangue que nos mantém presos ao solo a radiatividade também santifica: o destino subordinado ao que a poesia exige dos elétrons: e em cada cubículo com janela alguém que pensa em alguém essas máquinas de pensar desperdiçadas: subúrbios são lugares de dentro dos lugares onde as flores desmontam com o sol e toda água que desce do céu desce também dos valões preenche um mesmo oceano como um chute na boca tirar da vizinhança a sentença de uma gesta: envelhecer incomoda como um peido

esquecer a própria língua e assimilar todas as outras para encontrar no mal falar destas a pronúncia exata daquela para chegar ao idioma máximo somatório de todo o intraduzível no confronto das discrepâncias uma palavra que é a mesma em tantas línguas inventa aquela que não está em nenhuma: foi preciso seguir o português de trás para frente no caminho inverso até sua origem me apaixonar mais por fonemas que por gente descobrir que a língua está mais nos palavrões que nas gramáticas: e agora da raiz de toda deslembrança buscar pela fala sem origem de um idioma sem origem para viver fora de qualquer lugar como às vezes a vida parece vivida fora de nós: porque a história de nossa língua é a história dos nossos amores e entre eles e o esquecimento das palavras

praticamos o sotaque dos banguelas

amar em galego não é como amar em francês ou espanhol amar em inglês tem o tom da carne das frutas incandescendo na têmpora a flor inata ante as línguas amar em finlandês ou turco. tem seus inconvenientes: amar em outro idioma pressupõe reinventar a semântica de amar repensar toda forma de dizer e emancipar do afeto as palavras ao nos antever pelo dizer de quem se ama: as mulheres que um dia serão amadas nos países mais afastados foram desenhadas na rua da primeira infância mas a cada amor e a cada língua o destino alternando e se movendo para outros destinos: amar em galego é domesticar o mundo sem sair da esquina reconhecer na estranheza da fala esta fruta-flor furta-cor do próprio português na boca daquela quando falo: decifrar signos até sobrar o ar dentro deles ali na vértebra de todas as línguas bem dentro de onde o vento abana

o coração dos deuses

um homem fala diariamente ao cão o cão compreende até onde o afeto permite o homem se humaniza com o que há de humano no não compreender dos cães como se preexistisse animal no fim do animal ou fosse canto de outro canto no antidizer do latido ainda perto de onde estamos quando somos o outro no oráculo dos afetos: as cidades não estão somente no espaço estão no tempo e nós no tempo delas aprendendo sobre o mal: no limite do pátio o cão mija num limoeiro dourado fazendo celeste o seu entender de onde começa o cão de onde acaba o homem

a beleza é a violência dos fúteis aos feios cabe serem mansos:

o feio sem pai nem mãe

que usa os dentes para abrir garrafas de refrigerante e outras funções banais

o feio no lado de fora

mastigando a louça dos dentes enquanto os anos passam

enquanto em outra parte alguém vive uma vida extraordinária por ele:

o homem é o parasita da máquina

para que o feio parasite as sobras

o falo que destrói por amor

e destrói por crueldade

e remonta a vida no sólido

que o concreto empresta das rochas na frustração de cada encontro:

o feio sob o deus injusto

e a insistência em apostar no cavalo errado

de conhecer seus heróis

somente quando já estão fracassados

a certeza de ser na juventude

o mesmo que será na velhice:

enrugar – sabe o feio –

é uma forma de adornar-se

tão poderosa luz da planta esta ali em frente à casa que em certo aspecto era a planta ali em frente à casa nela dia e noite alternados como se uma só coisa antimatéria de si mesma casa solar quase maior ante o avesso não guardado em cada não como nada negado ao nada: e falamos planta mastigando planta pois tudo tem verdura em si por pura negação: esta máquina pensante tornando coisa vegetal e suave o que extrai da pele do sol: toda matéria é leve quando dita levemente no lado mais preciso da mulher a tatuagem presa ao novelo da mão na tablatura-pele da miragem da mão o fubá entre os dedos o milho solar que se come maduro durante os dias e na superfície do tato - terracota a possibilidade do voo antes do café da manhã: o medo em ser incompreendida o temor de perder-se em qualquer passante: ela dentro dela gestando no peito sua fêmea durante o ar isso que a torna leve os braços de laranjeira o rabo perfeito na laicra de ginástica: a cada dia os objetos a testemunham dama folheada nas feiras que ao envelhecer se afeiçoa à velhice esta mulher como cavalo numa cidade sem nome e sua cabeça

filha não sei quem é seu pai: naquela noite era um estrangeiro e os estrangeiros não têm nome viajam do esquecimento para dentro e só quando tento recordá-lo vejo estes seus olhos e em seus olhos vejo todos que por um dia amei todos aqueles rapazes em seu cabelo e coração: filha naquela noite partimos sem nos despedir ali não sei onde sobre o pacífico entre hemisférios onde você foi feita filha e eu ilha da filha: todas as ruas já têm nome é preciso mudar de país para percorrê-las a primeira vez eu percorri você muitas vezes minha filha até encontrá-la você é o fruto mais sincero do meu amor por você poesia de partidas

na simetria dos acidentes

como a transparência na água o esquecimento carne do que não se vê fazendo cintilar o que oculta o que foi esquecido volta para fora do tempo: mas é difícil esquecer quando há tanto por lembrar compras no guanabara jantares no habib's seu biquíni azul contra o azul do azulejo da piscina a bicicleta abandonada na mudança do antigo apartamento: temos em nós um templo onde habita toda ausência e amamos as pequenas paixões para amansar essa paixão enorme para voltarmos a viver na casa que deixamos: hoje eu sei o que você sempre soube que tudo pode ser justificado e engrandecido sem méritos que nascer é colocar o nada ao avesso que o amor dura mais que os amantes e ainda assim eu poderia hoje ter dito fomos o princípio e o fim de uma vida dentro da vida imensa: fomos sobretudo um lugar estranho no mundo integrais no poema

incompletos na totalidade dos dias

mulheres de cabelo curto diante da multidão malévolas como o destino pelo que sua essência tem de nebuloso em nossa existência:

mentimos o amor

para que se torne real ao retirar da ficção o que há de verdade: mulheres de cabelo curto

permeiam o pensamento

como as moscas sarram as vacas

o jeito de fazer o ar parar à volta delas

de equilibrar

o queixo sobre a linha do horizonte

afagando a faca de meia face

dessa lua inox

com a arquitetura dos próprios filamentos

em que a complexidade da nuca

tem igual simetria

à singularidade do ocaso:

essa mania abominável de serem únicas

ao extraírem do múltiplo

a singularidade que faz um ser tão único

que somente este pode ser este:

não é possível aplacar a paixão por

mulheres de cabelo curto

ao existirem fora do pensamento

e como erva e como mulheres

e com o cabelo curto

quantas vezes numa mesa de bar zarvos resmungou furioso

pare de ler os clássicos

boaventura disse saia de casa vá rodar o mundo quantas vezes ferrito victor nuno e outros selvagens compraram comigo

o sonho de chegar ao desquixote também meus professores na universidade

já tinham sido jovens sem que eu soubesse e até o legião fez poesia

para quem teve a idade certa:

na ilusão da irrepetibilidade

amamos cada palavra que não foi nossa para contar a única história que aprendemos

não adianta tatuar um calendário nos dentes ou frase do tipo eu estive aqui

vamos sendo o que o destino permite ainda que existam tantos destinos quanto permita o acaso:

como saber se estamos no destino certo? e se existe outro *eu* em outra realidade

quem é que sente o que sinto quando sou esse outro eu?

talvez tenha saudade daqueles que não fui e que vivem fora do meu alcance ou inveje a vida que somente o eu-impostor pôde ter vivido por mim:

a vida é espera –

e se não há nada depois que morrermos qual sinal será dado de que estamos mortos?

a maquete de um templo é templo ouro refilando ouro: não se deve duvidar dos nomes que se dão aos deuses ou a qual graça as antenas devotam seu silêncio parabólicas para meca: um templo dentro da oração onde o poeta não existe - cala enquanto as palavras são ditas: quem faz o poema é a ausência de quem escreve e lê ao tornar-se verbo do destornar-se nada: falar da antimatéria e desfazê-la em matéria debulhar o anti em tudo até palavra puramente coisa até certeza de que o poema não dá conta da vida tanto quanto a vida não dá conta do poema: autógeno – o poema é de si para si no espaço menos o tempo e ensina somente

que poesia é a arte do fracasso

diante da grandeza do universo

nos contentamos em ser meia-coisa:

estamos produzindo

tanta unha para o sec. xxi

ninguém calculou

o impacto das nuvens

sobre crânios sem chapéus

concluiu-se apenas que

os fumantes têm duas almas

ou ao menos desculpa para ir ao ar livre

pois os comerciais da free

definiram afinal o que é arte

e o que poderia ser

deixamos que outros decidam:

nada resta por duvidar

acreditamos em tudo o que

não tem mistério

sobrou somente a busca incansável por atlântida

essas pedras submarinas

empilhadas sob outra história

atlântida nunca esteve no passado

tão somente no futuro

o passado – sabe-se –

é daqueles que o enxergam primeiro

e o caminho dos pedestres

tem outro traçado que o dos carros

há ternura suficiente no aço para se amar o ciborgue que substituirá esta carne entre o infinitamente banal e o infinitamente essencial a vida como teologia do tempo: a chacina na baixada a especulação imobiliária no rio a situação dos índios em belo monte são tão relevantes quanto o átomo fissurado em que duelam deuses em seu estômago o mundo buscado e o mundo encontrado e tudo o mais como este cenário que não durará mais que um dia: cada um conhece a parte interna da própria pele a cronologia das perebas o caminho torcido e delicado que a merda percorre ao sair mas até a mais íntima dor de dente guarda as dores de todos os dentes: ao cruzar uma rua do passado o orixá atravessou todas as épocas o sol que reluz nesta sua janela é também um signo incontornável de que todas as coisas estão no lugar preciso

abaixo ou acima dele

biblioteca – prisão de livros por tornar o próprio livro presídio museu – prisão de coisas por nos aprisionar fora delas: que livros e coisas estejam ao ar livre que sejam roubados destruídos queimados - nada que não possa ser queimado vale durar: a revolução não existe as coisas já são revoltas em si mesmas basta acioná-las em sua revolta tanger o coração-coisa ali onde repousa no próprio azeite: não a revolução dos acadêmicos com facebook seus likes revoltados acomodados no pensamento dos que pensaram antes e que só leriam esse livro se fosse escrito por um poeta francês: é preciso intervir em toda forma de tempo é preciso outra taxonomia para o destino dos homens não submetida ao medo dos homens no que a vida cumpre dos búzios cumpramos da fúria: é preciso sim esse aparato da ira para afastar-se perante uma ida que será antes um retorno buscar em novas frases a explicação do óbvio: o livro é somente uma coisa que guarda a chance de ser aberta

chegaram com quatro lugares-comuns nas mãos

editores professores jornalistas

resolveram quem vale

denominaram os livros privatizaram a vida elegeram os heróis dos próprios épicos e ninguém duvidou

definiram a posteridade a pós-posteridade e deixaram aos demais a certeza de que são incompletos:

mesmo sobre todo esse excremento há um grande exu nervoso cobrando oferenda

esquecem que o esquecimento será generoso com todos

que uma história começa ao fim da história

que não há vida em livros

e outra fora -

há uma só vida que infla e murcha de ficções há fantasmas com frequências de tv

há dragões marinhos

com sua hemoglobina sutil

e invariavelmente

há sempre um poema oculto dentro de cada poema fora de cada sentença:

não basta ter um idioma

– é preciso saber o porquê:o mar violáceo no púbis de toda fábula

nesta que chamam salamanca edifícios reivindicam do sola cor que já lhes pertence: à volta da mesa vinho queijo pães e frutas tâmaras trazidas por mercadores viajantes fumo de tabaco nos cafés: como valéry que nunca alugou um quarto na pensão em madureira ao lado mesmo do boteco que se vê da praça maior daqui saíram para voltar ao mesmo lugar não como ode à civilização mas como prova do desacerto: uma língua é sempre língua emprestada violada aprimorada das cantigas de puxar planta vindas de outros povos pois até o que foi descoberto precisou ser imaginado e os nunca descobertos e já esquecidos como os palestinos sonhando a realidade sem eles filhos apócrifos de toda tradição onde real é o inventado imposto pela força até o dentro da origem no mais extremo fora do fim: vivemos sim no melhor dos mundos impossíveis

antes de ir aonde o coração te leva leva o coração para onde vai estava escrito num muro de atenas - em grego - claro eu e meu coração levados ali conscientes de que o mármore e os dentes têm a mesma dureza: pertences espalhados em quatro cantos e comigo mesmo não trago nada não trago sequer cidadania entre tantas dessas cidades que com os anos se tornaram iguais na indiferença e pela guerra variando apenas os muros e as línguas nos muros: tudo é sagrado — nada é sagrado há gente feita para guerra há gente feita para paz e há gente feita para ouvir caetano e vampire weekend: também tive histórias de amor como tive histórias de lugares e cada uma acabou como acabam as coisas sem glória seguindo seu rumo – uma delas foi para a escócia outra engravidou outra engordou outra envelheceu: a vida sempre gerando problemas sobretudo de velhice enquanto aguardamos nela com poucas certezas e uma playlist cada vez maior

mudar de país já não faz diferença os feriados são os mesmos com datas distintas os sotaques são os mesmos para outros ouvidos a burocracia é a mesma com outros nomes para os papéis: se pudéssemos morrer somente uma parte - essa que é infeliz seria sim possível partir de um lugar a outro como se fosse mera questão de deslocamento espacial mas é preciso levar todos os deuses dentro de si ante o trânsito das horas: o que demarca as etapas da vida são as mudanças do número de telefone e delas herdamos apenas as infinitas possibilidades de uma chamada por engano: nenhum lugar cabe totalmente em nós com suas pedras e suas pontes com seu ar cheio de cor a volta das borboletas ao viver na convergência das línguas conhecemos a dinâmica entre os acentos: mudar de país já não faz diferença as vidas ali são as mesmas em outras pessoas

quando um dia um viajante bater à porta vindo de um país distante ame-o como a um irmão e ainda que ele fale um idioma enigmático compreenda o que disser na língua dele caberá sua própria língua: explorador de todos os subúrbios um passaporte no bolso para cada ruga ele trará nos pés a invenção do chão para que o mundo envolva com o afeto do extraordinário que poderia ter sido pois até os seres da ficção sonham com o que é real: ele sabe que não se pode ser jovem em outra parte que nenhum paradeiro é perfeito quando nos levamos juntos aprendeu que em quartos de hotéis o sonho é sempre o mesmo talvez até conheça a guerra e traga sete mortes numa medalha: mas ali diante de você e da porta ele riscará outro nome nas costas da história para reinventar-se no anfitrião e ao narrar – fluente em enxacocos – como viu tantas coisas admiráveis se tornarem ordinárias despertará em você o estrangeiro que em você se esconde





o tigre com sua tatuagem de si mesmo

para a permanência em si mesmo

como

quando

a palavra adentra a frase

movendo-se na caligrafia pela planície nevada do papel

ideograma sanguíneo - o tigre

descrevendo na mata a mata levada nos flancos

> no gingado da marcha na dança das riscas o tigre é

a própria palavra que ele apaga

ao vestir a palavra tigre

de tetra pak

por um animal

todo-feito de tetra pak

que se devora enquanto se move

esse animal-caligrama que transpassa a sinalética

> pelo corpo e a imundície da rua pelo tempo

usina de merda contra as mil falhas tectônicas do céu

placas de entulho articuladas por dentro o rinoceronte em seu ladrilho

e mesmo a morte faz mais sentido quando fodemos usina de força gerando forças contrárias

ou ainda esse ordinário

que vive das coisas complexas:

o dia a dia alternando suave

os terrenos baldios a ordem das casas os vagões de trem

de salmone

um salmão penetra a tarde em quietude de peixe metaleve

o lume

phlox

ou o flúor de mil flores -

da janela a fábrica estacionada como um trem

e ao lado a morte

- terra desconhecida do mundo -

que levamos no coração

falha única daqueles que por insatisfação são homens

ante a raça bailarina das roupas nos varais

para ordenar os livros é preciso desarrumar a cidade

e todas as coisas que não têm deus as pipas no fim da tarde

ancoram as casas no céu

e

compreendemos:

buracos negros são rebarbas no plástico do universo

de zebra

não é uma égua nem um cão

a zebra é um [duas raças intercaladas] pesadelo do cavalo

a zebra ao avesso uma costela única do lado de fora de uma carcaça única [alfabeto de ossos na escrita muscular]

a zebra com vértebras na cara e suas mil patas pela manhã

dia-noite zebra
parte revelada na escuridão
parte oculta ao meio-dia

de equo

no estômago do cavaleiro [recolhido]

um estado provisório de vida nem lá nem cá

plenamente no meio
e no meio
o encontro desses dialetos de semicentauros
separados no nascimento

esta língua bantu falada entre os dentes

no ruído dos acentos a herança dos falantes pois até a fórmula do antisséptico bucal varia com o idioma

mas o que existiu antes do tempo e das línguas foi o cavalo sem nós lambendo a luz com o dorso

> a torção da pata contra a fundura do chão o casco fendendo o solo de uma gleba ao mar

uma baleia nascida baleia

[sem ter tido decisão nisso]

sendo o que já era antes mesmo de ter nascido

pelo pacto ancestral do primeiro cetáceo

entre os rins um moço

cultivando tulipas no jardim das cerdas

íntimo de cada vértebra

fluente no alfabeto soletrado do alabastro das cáries

o mundo inteiro ali

nos pormenores domésticos

pela imensa epopeia do improviso tátil

o amor é a maior das prisões ante todos os destinos possíveis

[ou talvez uma vida seja pouco

para tudo o que incita]

jonas viajante da viagem da baleia

profeta condenado

a escovar diariamente os próprios dentes

até o dia de sua morte alheio ao fardo da baleia

que sabe somente para si o que é para jonas

de selachimorphis

deste tubarão voltaico voltado à baía homens e bois

dormindo em camadas

homens e cães

em diálogo uniforme

a metrópole reserva um tumor para cada habitante a mesma sequência de calçada na cavidade dos pedestres

> eu vi assentar cada pedra desta cidade uma pedra em cada rim

ruas incompletas sob ruas

caminhadas sobre si mesmas

toda cidade é insuficiente

e as pessoas se repetem como se a questão fosse economizar trejeitos como se fosse possível

domar a besta suavemente

é preciso amar uma cidade ao ponto de fazê-la caber nos olhos

de antennis

o dia surge com a fúria do ouro

e ante ele

antenas conspiram a revolução no seu entendimento de antenas

nascer e morrer já não é grande coisa -

sobra aguardar dos ligamentos o câncer

no tempo do tempo

que resta

esta fisiologia da pedra

esse eu

que habita um corpo

e é entendido maior que corpo

e se recusa a ser feliz nesta cidade e envelhece sem jamais ter sido jovem

ainda que as antenas sustentem
elegâncias de inseto contra a tarde
cardume metálico
no encardido das lajes

onde ela se cala eu começo

no terreno baldio ao lado uma estrutura erguida de arestas descartadas peça a peça

até o volume de dez andares

nascer e cuspir

o útero para o mundo

a história acontecendo bem longe de quem a está contando

uma noite foi-se embora

sem se despedir

cada homem é o irmão órfão de uma máquina

de canibus majoribus

lua-lâmina-omoplata o cão de porcelana desfeito

na porcelana da constelação

ou esta água pesada nos coágulos da luz ali onde da matéria mole do sol

se forjam estrelas

cheguei à idade que um dia sonhei ter

mas o sonho não resistiu à idade

aqui nesta terra-longe

[antecidade ante tudo o que foi feito

[há lugares que deixam de se atualizar segundo os mapas]

os imortais cunharam homens para verem um mundo por seus olhos mas a vida inteira temos esperado por algo no outro lado da vida inteira

das realidades possíveis só percebemos esta onde todos já vêm com encaixe para alguma máquina

sistemas são subversíveis – subvertamos agora os astros que não pertencem a nós

a língua]

astrolábio de céu da boca

de canibus minoribus

um cão em cada cão ali um ser no intervalo dos pelos seguindo pelo canal

de uma alameda em realengo cumprindo uma série de trajetos sobrepostos pelo somatório rasteiro de todos os mapas

entre todas as línguas

e – nenhuma delas –

outra alegria que não a do homem

em parte alguma nada está protegido de si mesmo

cada um traz desde o nascimento

a história

a cumprir-se em si pelos anos

e cada dia é desculpa para manter-se vivo

adornando uma praça do bairro

estrangeiro até dos bancos o cão é um surto do latido

um cão é apenas um cão

a raposa na extremidade do uivo

lambendo-se por descuido e sob a laranjeira um meneio de teatro nô em correlato com a lua

> farejar lixeiras pelo perfume metálico do sangue ser mau por não ter aprendido a maldade

contra a hidráulica ou o comportamento dos líquidos sincronizados em todos os jarros

> uivar para satélites artificiais o puro amor para a degola das galinhas

de musca

o coração da mosca não cabe no carrapato é mais denso leva materiais de outra natureza

na mecânica tão precisa

não cabe um deus nem o nome de um deus

não compreende além do próprio mecanismo

geringonça doméstica movida a corda sem desenho compreensível

traçar na luz a sequência do voo e essa é toda

sua ciência da vida

existência magnética mal pensada

e fora dela

– ainda mosca – ideia e proteínas somente –
e por inteira:

mosca verde emprenhando pedras

sabemos da mosca pelo que inferimos do pouso e a adoramos como divindade menor por amar nossa merda

apanhar delas a virtude tão leve quanto grãos

mosca é o som radiante de uma palavra sonho sonhado no intervalo das falas

de doppelgänger

um estranho nos arvoredos um estranho por trás do muro aguardando

que não esperemos por ele

fingindo que não existe ou que não está lá

[a quem se deixa a lâmpada acesa num cômodo pela madrugada]

um duplo confere nas mínimas particularidades do espaço o iminente perigo da imprecisão

do licor de vidro destilado

ao travo de aguardente na língua

busca emancipar-se dos ligamentos

para viver enfim no fim de si mesmo e nas miragens de mar com

> suas usinas e cavalos de pau fazendo defluir de si mesmo

o que em nós tem de pronto

esse estranho nos arredores

o resto dele

poluição por assepsia

de matre

a mulher com vida nas entranhas concebe mais pele que aquela nas dobras da ruga ou talvez

um rinoceronte rasgado ao meio -

por um instante

os objetos cabem em si: coágulos de luz

mas

mãe

investindo contra si como carne-ostra: despir-se da inesgotável matryoshka uma penca de frutas maturada nos seios

todo esquecimento

- fiel ao esquecido -

corresponde à memória do que virá

os objetos alinhados com o nome ali onde

a chama coincide com o chamado

ela sabe – você sabe –

[só]

cabemos: no nome: de forma: incerta:

como a sombra emparedada na coisa

– esta dobra

chamada *filha*

ela poderia ter sido outra com suas duas pedras marinhas:

olhos que ilham -

é preciso ser confidente do ar para suportar a força da gravidade

> – o azul desta atmosfera azul forçando na casca a fruta mais nova

> > ou diante da porta pela espera na que a manhã será outra

quebrar uma coisa é uma forma de aprender sobre ela ainda que a coisa já não acomode o sentido da coisa

apenas reordena a sequência das frases com as quais trará novas manhãs

a poesia só escreve

o que a pontuação permite

fruta fendida na ideia do dente tal como a sintaxe das ruas condiciona os encontros no perímetro luminoso desta prisão chamada *espaço*

quando todos despertam a cidade sonha estrangeira de si mesma e do tempo

de golem

eis um golem de merda ou de arame

אמת

no anticorpo da pedra o dúctil da pedra

todo caos é provisório

polpa p'ra formar cabeças umbigo-plexo no eixo do sol autômato peixe-falhante-d-estrelas

a cidade assentada na base da montanha como um brinquedo de deus de arame ou de merda – cidade-golem escrita ao contrário as sete mil patas de rua no coração do câncer

e o cão sonhando a canidade ou os homens

a nomear quantidades cada vez majores

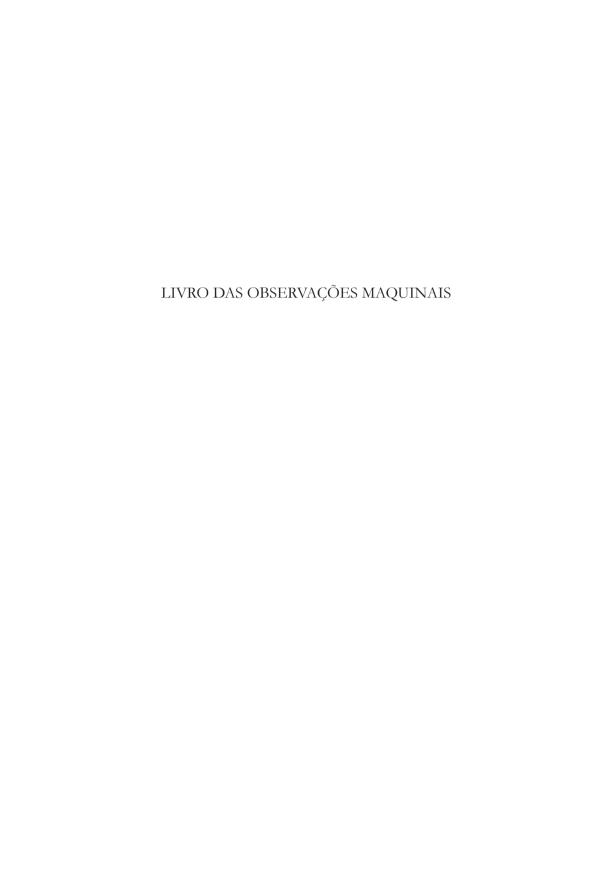
os dentes da barata são macios e acariciam a pele

dormir como quem acorda – parcialmente morto ou

morto

מת





1.

nascer o sol: nascer o tempo: hoje: (como semente): amanhã: o antiontem: ao sermos sendo avesso do que fomos: ou des-sendo ainda menos o que sempre teremos sido: como água de aclarar destinos: no até chegar-se ao que se é: sendo-se outra coisa: nascido outro antes mesmo de ter morrido: lua que nascerenasce: removendo-se: até outromesmo: anti no anti: desminguante e então: morrer a lua: na lua nova: avesso do dia: morrer o tempo: nascer o sol:

nos passos: a estrada: nos passos: prover: tudo que cabe nos dois pontos: a expectativa do enunciado: anunciado por oráculo grafema dois olhos: interface no sono e do dia: em antevéspera: (no se estar antes de o ser): projetar no corpo o corpo alheio: pela fenda: falha-fenda: fazer a vida desempenhar o que diz o poema: como se estrada já antes caminhada: (como se vida completa vivida num segundo): desde o início: o caminho: plenamente caminhado já: nos passos:

despir-se da matéria: ao oco do mundo: caroço dentado da terra: quasar sem história: onde a história se inventa em todos os drones: não nos homens e nos ideólogos estancados dentro neles: desciborgues: uns copiando outros em sua maneira de ser humano: ciência do desinvento: ao inventar para si a grande inglória de todos os heróis: (de plástico): (made in china): do senso em série: do pensamento clonado e viral: a vida determinando a vida: ciranda perpétua como: palavras fora das letras: órgãos fora do corpo para: despir-se da matéria:

4.

soco: ser assêmico: sua presença no impacto (*informação* puramente): firme a dança com o ar: (retocando a cara): como jangada do corpo: da vida ao esqueleto: pré-deus: cor do estalido: estrondo amiudado na fricção: cu socado por um caralho duro: para um nome sujo pronunciado em vão: desdizer o sacro: a sacrificar a permanência do choque pela beleza do bruto: pela submissão à força: a impotência do súcubo: subjugado a tudo o que se move sem sopro: deidade endentada: autômato pela pura gravidade: peso: na violência latente – do: soco

ficção: realidade: morrer à noite como se morresse pela manhã: diminuto na altura do dia entre o começo e o fim: fato acontecido até estado de fábula: inverdade: chegar a si: oroboro: si adentro: desmentir-se: história contada até fato real: cada data no jornal abriga um dia: coordenadas do tempo-espaço: precisão de verdade para dentro dela mesma: realidade: ficção:

dança: transgressão do eixo pelo levante do corpo: um circuncidar a si: é orbitar a carne: uma entidade sendo-se carne no movimento: descartar do corpo tudo o que não é ritmo: até puro gesto: giro: (pomba gira): cavalgar matéria e velocidade: para manter-se sendo o que não se era antes: em que pura oscilação sem torno: spin: ato imantado no átomo: presença subtraído o contorno: no que da fúria faz-se átimo: da luta faz-se festa: da dança faz-se dança: dança

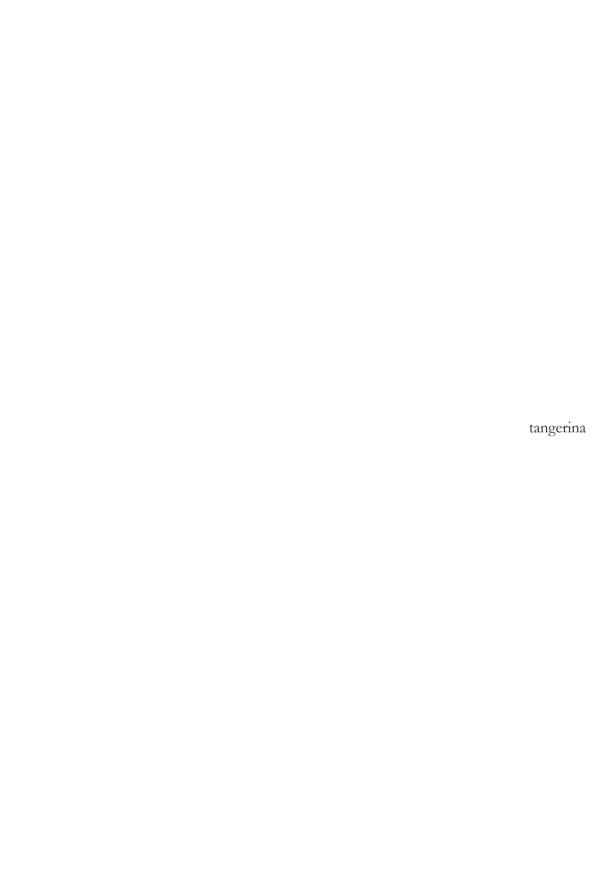
algo ali na luz: (dentro da pintura): aquém quase luz: e (ainda assim) luz: tão sonhada pelas coisas de tinta (depois pixel e agora ideia): ao revelar-se na tela esconde-se: luz: sombra: tudo aquilo que a luz (: dentro da luz:) não retira dos seres: decalque da ficção das coisas: recorte preciso de outra evidência: (capim-limão no plano infuso da tarde:) no quadro o silêncio é o quadro: o quadro está em toda parte: como acidente e enclave: algo ali na luz:

ser *nécora*: crustáceo entrefeito de ar: rinoceronte replicado na arqueologia das placas: pedra articulada entre outras: casa-prótese: ossatura talhada grevas: pelo exoesqueleto de veludo: até anti-*nécora*: fúria sutil do côncavo: entrar couraça adentro com incisivos: do ferro gusa ao lingote: molar imolado no humor vítreo: acrílico: humor aquoso: sonhar para fora e sonhar suavemente: pela estranheza da mordida no bicho quase máquina: desejar similitudes: arremedo do cálcio alinhado na boca: para compor outra espécie não submarina: ser *nécora*

nascer: sair do dentro: (como um ser para o avesso:) até fora: até espécie humana: preparado de carne numa armação de ossos: reduzido à obrigação dos dentes: (a inevitabilidade das cáries): dente e luz como só coisa – dura ou radiante: lâmpadas de açúcar no palato: acalanto para moscas no cântico do vidro: mecanoide volante: o ser nas vísceras: a ir-se de dentro: para a rua: casa de tungstênio: luzes do mundo como sonhadas antes dele: (latente:) antimorte: no que (ao morrer) surge: em toda sombra que dura: dentro em si: nascer:















ao centro
e o objeto
tangerina podre
no fim
espremida no cristalino e cabe inteira cosmo no bater de dentes assim como se fosse mandala
levando
o catálogo
os paladares
a f r uta

do nada

nada

como moscas

da tarde

núcleo da terra

ao palato

de todos

e ao fruto

das gengivas

```
a mulher
                                     o homem
                                        o velho
                                      o ciclista
                                     o político
                                         o fútil
                                        o sábio
                                      o canalha
                                     o honesto
                                        o papa
                                      a bactéria
                               a besta quadrada
                         a besta de sete cabeças
                                quem conspira
                     o autor da novela das oito
                          a estupidez endêmica
                                     a terra oca
                                o buraco do cu
                             o caralho a quatro
                               o quinto caralho
                             a puta que te pariu
                               a cabeça do pau
                                        o diabo
                                         a fada
                                          deus
                                        o peixe
                                 o paquiderme
                           o presidente da onu
                                       a morte
                 o líder do esquadrão da morte
                                    o perdedor
                                        o herói
                                    a tangerina
                               quem está certo
                              quem está errado
                   a ignorância pela ignorância
              aquele que está em cima do muro
aquele que opina sobre tudo sem conhecimento
                        o especulador da bolsa
                                     o faminto
                                quem só espera
                    quem prostitui suas crenças
           o poeta que é pior que o empresário
                              quem só reclama
                                    o asteroide
                                        O astro
```

come tangerina
come tangerina
0
come tangerina
_
come tangerina

encontram-se

uma

dentada

antagonismo

da

О

um

é

uma

com

tangerina

não

certo

em

mesma

no

alcalino

subsistência

u

astro

somente

pedra

defeito

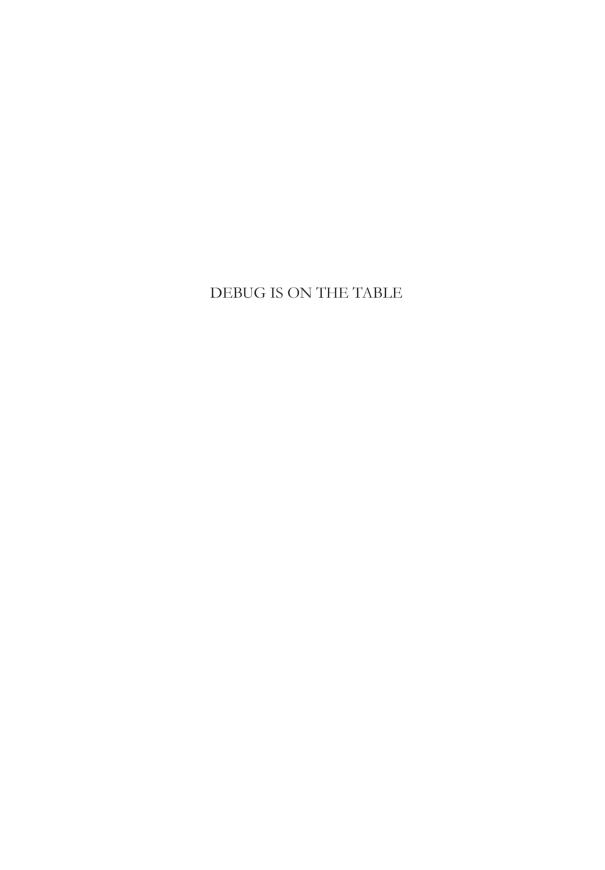
que

deu









bug:god





Nota: algo inspirado nos quadrados mágicos da Idade Média, este soneto-poliedro tenta descrever uma gema, reproduzindo, através de quatorze imagens (distribuídas em 7+7 versos entrecruzados), a forma prismática de uma joia lapidada, sobretudo no que se refere ao feitio não unívoco de sua aparência, que se altera conforme o ângulo em que é observada. Seus versos podem ser lidos da esquerda para a direita e de cima para baixo, sem ordem fixa. Pode-se pular os versos ou intercambiá-los, alterando a ordem do poema e mesmo encontrando outras possíveis leituras internas e fragmentárias. A partir disso, quis criar um paralelo com o lance de dados mallarmaico, uma vez que a joia burilada é também esse dado que "assente sorte alguma". Pois, como a palavra "joia" possui origem na palavra latina "jocus" (jogo), busquei sempre manter o poema no horizonte do lúdico, jogando em seus diversos níveis de concepção.

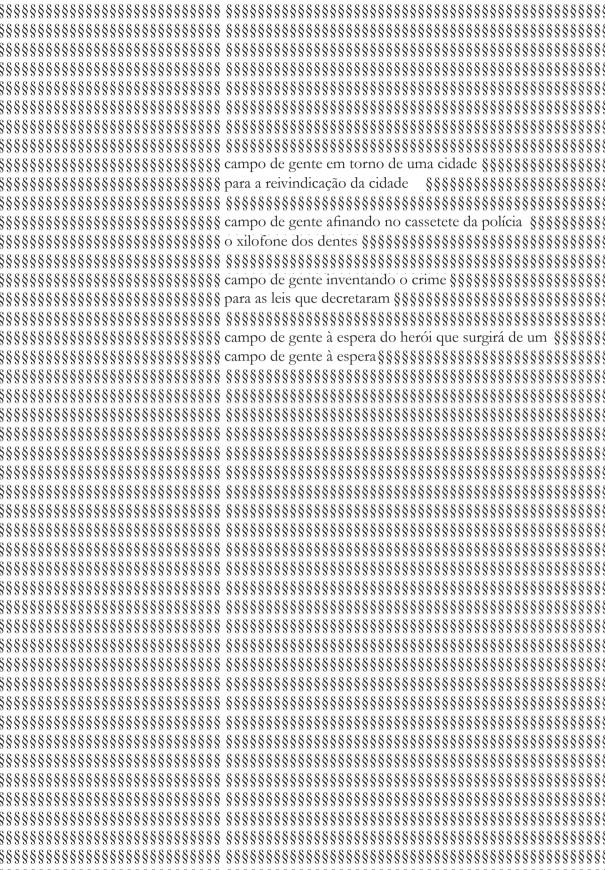
abrir	О	mineral	tão	claro	dos	rostos
a	fractal	fruta	exata	em	ângulos	sonhados
pedra	tão	vértebra	quanto	água	nos	vértices
por	flor	adentro	corte	de	espelhos	decepando
tanto	quanto	joia	dado	assente	sorte	alguma
tão	sua	que	ao	esmalte	faz-se	outra
avessa	falha	desfolha	gume	florindo	única	face

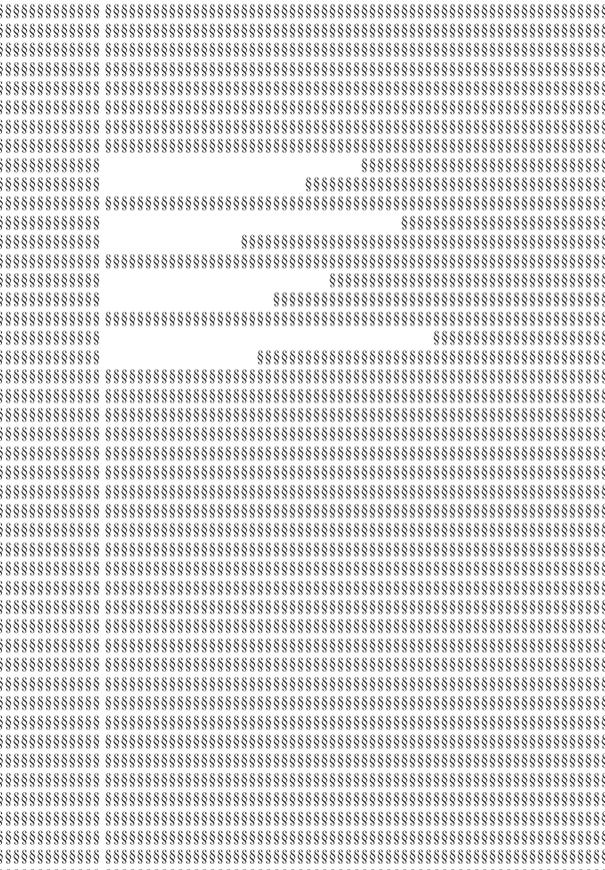


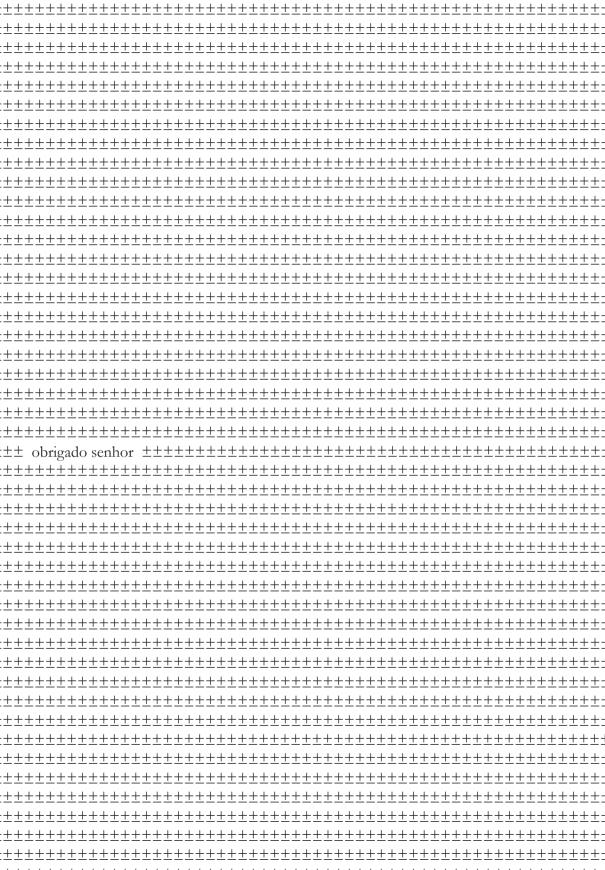


Ш	Ш			Ш	Ш		Ш	Ш	Ш	$\ $	Ш		II		Ш		\parallel					Ш																								I		Ш	III		$\ $					Ш	$\ $	Ш	Ш					Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш		Ш			Ш	Ш	Ш	Ш		Ш	J
																																																																																	'	'	
 	iii	 				٠.	• • •	• • •		٠.	• • •		٠.	٠.		٠.	٠.				٠.	• • • •				• • •	• • •			٠.	٠.	٠.	٠.	• • •	٠.	٠.		٠.		٠.			• • •	٠.	٠.		• •			• • •	٠.	• •	• •			٠.	٠.	• • •		٠.	٠.	• • •		• • •		• • •				• • •					٠.								٠.
		 					: : :			::			::	::			::				::									::	::	::	::		::	::		::		::			::		::		::			::	::	::	: :			::	::			::	::	::		::		:::				: : :					::	:::							
	111	111	111			11	111	111	111	"	111	11	11	11	1111	11	"	111	111	11	11	111	111	111	111	111	111	111	111	11	11	"	11	111	11	11	111	"	111	11	111	11	11	11	11		"		"	11	11			111	111	"	11	111	111	"	"	11	111	11		11	111	111		111	111	11	111	111	11	11	111	111	"	"	111		
	Ш					Ш				Ш		Ш	Ш			Ш	Ш		Ш	Ш	1	11	m	1	c	·a	T)	ra	1	\cap	-	a	٦,		it	ำ	d	0	۱,	Ш		Ш	Ш	Ш			Ш		Ш	Ш	Ш	Ш	Ш			Ш				Ш	Ш	Ш		Ш		Ш			Ш			Ш			Ш	Ш			Ш	Ш	П	Ш	
III 	Ш	 	111 111	III. 	111 	Ш	Ш	Ш	III 	Ш	Ш	Ш	П	11 	Ш	Ш	11 	Ш	Ш	Ш	,	m	10	1	t		. v	ำ	r	n	ر م	C	კ` ვ`	در	,	ì	c	^	'n	II n	III L	 	 	J	 	III	II F	III 11	ń	II		£		.	Ш	Ш	11 	111 	III 	Ш	Ш	11 	Ш	11 	Ш	11 	Ш	Ш	Ш	111 	III 	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	111 	Ш	Ш	111 111	111 	1
	Ш	Ш	Ш	Ш		Ш	Ш	Ш		Ш	Ш	Ш	П	Ш	Ш	Ш	II	Ш	Ш	Ш	1	.1.	14	ıs) L	15	5'	а	1.	11	а	ç	а	0	-	ı	3	U	1.	LI	U.	L	а	U		,	1	11	U	0	U	L	O	'	Ш	Ш	П	III	Ш	Ш	П		Ш		Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш		Ш	Ш	Ш	II		Ш		Ш	Ш	Ш	111	ı
111	Ш		111	Ш	111	Ш	Ш	Ш		Ш	Ш	Ш	П	Ш	Ш	Ш	Ш	111	Ш	Ш	,		40.	_	4	12.		~	~ .	_	_	_	_			1.		- 4			ı	Ш	Ш	Ш	П	Ш	Ш	Ш	П	Ш	Ш	Ш	Ш			Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	111	Ш	111	Ш	Ш	Ш	111	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	Ш	111	Ш	П	П	H	il
Ш	Ш	Ш	Ш			Ш				Ш		II		II	III	Ш			Ш	Ш	6	1	13	a	u	117	a(ζi	a(J	ŀ)(U.	L	C	10	:1	1(lΙ	U	'	Ш	Ш		II			III	II	Ш	II	Ш				Ш	II		III	Ш	II		Ш				III		Ш			Ш	Ш	Ш	Ш		Ш		Ш	Ш	Ш	Ш	
111	111	111	111	1111	111	П	Ш	Ш	111	П	111	П	11	П	111	П	П	111	11	11											-	1		1	1		,			1			1						1	1		_		,			П	П	П	111	111	П	111	П	Ш	111	П	111		111	Ш	111	Ш	Ш	111	Ш	111	П	111	111	111	ш	ı
	Ш		III							II					III						1	n	О	(26	eı	n	Ţ1	rc)	C	10)	C	16	21	11	e	,	a	О	(10	eı	1	[1	r()	C	12	l :	Γ1	1	11	a		II												Ш										Ш	Ш	Ш	II	
						11															11																			11											11										11																						
							: : :			::			::	::		::	::				::									::	::	::	::		::	::		::					::		::		::			::	::	::	: :			::	::			::	::	::		::		:::										:::							
						• •	• • •	• • •		٠.	• • •	• •	٠.	٠.		٠.	٠.				• •	• • •	• • •			• • •	• • •			٠.	٠.	• •	٠.	• • •	٠.	٠.		٠.		• •	• • •			• •	٠.		• •				• •	• •	• •			• •	٠.	• • •			٠.				• • • •						• • •				٠.								
						٠.	• • •	• • •		٠.	• • •		٠.	٠.		٠.	٠.				٠.	• • • •				• • •	• • •			٠.	٠.	• •	٠.	• • •	٠.	٠.		٠.		٠.			• • •	٠.	٠.		• •			• • •	٠.	• •	• •			٠.	٠.	• • •		• • •	٠.	• • •		• • •		• • •			• • •	• • •					٠.								'
																																																																															$\ $				
																																																																																$\ $			
					111	П	Ш																																																																												
						Ш	ш	ш																																																																											
						П	111	111																																																																											
													::	::		::	::				::									::					•									::	•		::				::		::			::	::				::	::		::		::									::								
		 												ii		ii	ii			II	ii									ii												ii	II	ii			ii			II	ii					ii				II	Ï	İ		İ		ii			ii			ii			ii	İ							
		 											 	 		 	 				 									 					 									 			 				 	 				 	 				 	 		İ		ii			ii			ii			ii	İ							
		 											 	 		 	 				 									 					 									 			 				 	 				 	 				 	 		İ		ii			ii			ii			ii	İ							
																					: -																														: -										: -										 												
																						 	 	 	 	 		 	 	 	 	 	 	 			 	 i:	 	b	 		 	 		 		 	11		 		 	.s	 	m	 a	 	 	 	 		 	 	 	 	 	 	 	 	 												
																						 	 	 	 	 		 	 	 				 			 		 				 	 		 	:	 			 		 	.s	 	 	 a	 	 		:		 	: 	 		 	 		 	 	: - -											
																						: 	 	 		 		 	 	 				 			 		a	b			 			 		 					 	.s	 	m	 	 	 		:		 		 		 			 													
																							 	 		 		 	 	 				 			 						 		 	 		 	m					 		n			 		:		 		 					 													
																						:) 		.s	 			 	 			h	 	:	 		 			 													
																							 	 	 	 								 					 		0		::) 	 	 				 	 					33	 		 			 	 												
																						e:	 					 						 		 	 				 		::::::::::::::::::::::::::::::::::::::) 	 	 	1	:	 	 					 	35 	 		 			: 													
																						e = = = = = = = = = = = = = = = = = = =						 	 	 - - - - -				 			 						:	 	 	 	 	aaaa					 aaa		1		 	 	 					:	dddddddddddddddddddddddddddddddddddddd		 			 	 												
																						e =	 	9										 		 	 						:									 	 	 	1	:	 	 							 		 			 	 												
																						======================================	 	9																			:	 			iii) 			1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1			 	 				a:		 		 			 	 												

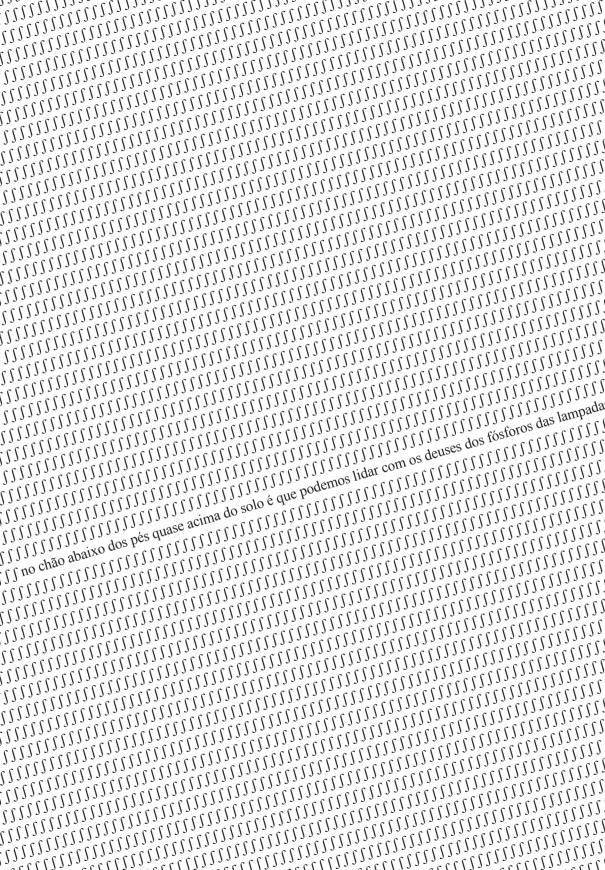




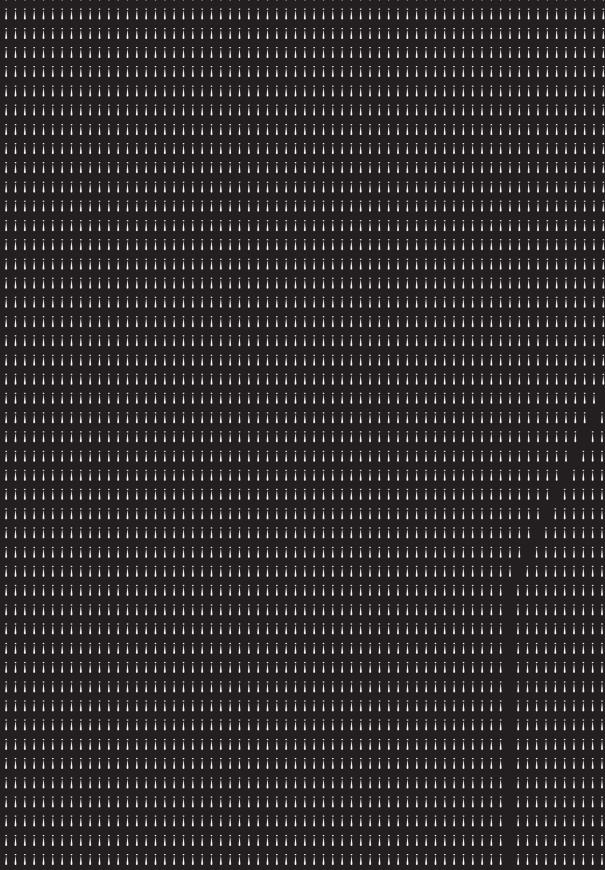




```
±±±±±±±± por disseminar o ódio e a devastação entre os que merecem ±±±±±±±±±±±
±±±±±±±± por limpar a terra com o genocídio necessário dos que nos odeiam
                                         +++++++
±±±±±±±± por lustrar o chão da sala com a cera dos miolos dos maus pensamentos ±±±±±±
±±±±±±±± por amansar toda uma raça e fazer a raça amansada amansar outras raças ±±±±±
±±±±±±±± por assar com gilete o pão de quem nos rouba a comida ±±±±±±±±±±±±±±±
±±±±±±±± por nos ofertar a brutalidade como entretenimento ±±±±±±±±±±±±±±
±±±±±±±± por vivisseccionar ao som de declarações de amor ±±±±±±±±±±±±±±±±±
±±±±±±±±± por tornar o homicídio um ato criativo ±±±±±±±±±±±±±±±±±±±±±±
L±±±±±±±±± por nos dar prazer ao infligir a dor ±±±±±±±±±±±±±±±±±±±±±±
£±±±±±±± por buscar o espírito dentro da cabeça e apagá-lo com amoníaco ±±±±±±±±±±
±±±±±±±± por liquidificar a mão de futuros assassinos quando ainda são inocentes ±±±±±±
£±±±±±±± por injetar cimento na artéria de quem respira o ar que é nosso ±±±±±±±±±±±
£±±±±±±± por violar as mães e as esposas dos violadores ±±±±±±±±±±±±±±±±±±±
±±±±±±±± por gotejar ácido nítrico nos olhos dos que nos olham torto ±±±±±±±±±±±±
±±±±±±±± por decepar o globo ocular dos que não nos olham ±±±±±±±±±±±±±
L±±±±±±±± por calcificar a língua dos que nos amaldiçoam ±±±±±±±±±±±±±±±±±±±±
£±±±±±±± por dar a chance de nos masturbar sobre o cadáver do adversário ±±±±±±±±
±±±±±±±± por criar máquinas que exterminam humanamente
                                 ±±±±±±±± por levar a miséria a quem não nos cai bem ±±±±±±±±±±±±±±±±±
L±±±±±±±± por levar a bactéria a quem nos inveja ±±±±±±±±±±±±±±±±
±±±±±±±± por nos ensinar a generosidade interessada como alternativa à indiferença ±±±±±
£±±±±±±± por estuprar a alma daqueles cujos corpos são também inúteis ±±±±±±±±
£±±±±±±± por amputar os braços de quem não queremos abraçar ±±±±±±±±±±±±±±±
±±±±±±±± por inserir agulhas em brasa pela uretra até o escroto de quem cobiça nossas mulheres ±
±±±±±±±± por transladar países com sofrimento ±±±±±±±±±±±±±±±±±±±±
£±±±±±±± por armar o vilão para que possamos eliminá-lo sem culpa    ±±±±±±±±±±±±±±
£±±±±±±± por purificar nosso coração com o distanciamento conveniente ±±±±±±±±±±±
```



```
gannapettitiisistekannapettitannapettitingannapettitistekannapettitistekannapettitis
Adunnapettitionannettitistekannapettitannapettitistekannapettitistekannapettitistekanna
                 ttirrippipelettirrippipelettirrippipelettirrippipelettirrippipelettirrippipelettirrippipelettirrippipelettirri
Advangettirrippipipelettirippipelettiranna ettirrippipelettirrippipelettiranna ettiri
nnikttetaaniissekkuuristaddnniktretaanissekkuuristatunniktettaanniktettaanissek
nissekuuristaddnnikttetaanissektiaanisektetaanniktettaanissektaanissektiaanissekkuurist
uristaddnniktettaanissekuuristakuuristaddnniktettaanissekuuristaddnniktett
                   tillannn filling fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran
Fritting 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 fran 1994 
             kunpeltingan ittilinganiettinganiettinganiettinganiettinganiettinganiettinganiettinganietting
Luniettinganiettinganiettinganiettinganiettinganiettinganiettinganiettinganiettinganiettinganiettinganiettingan
                                                              aanneerria
   vupptikiannisteetannisteetannisteetannisteetannisteetaannisteetaannisteetaannisteetaannisteetaanisteetaaniste
annisteetaanisteetaanisteetaanisteetaanisteetaanisteetaanisteetaanisteetaanisteetaanisteetaanisteetaanisteetaan
             kkundalikitetunistettunistekundalikitetunnistettunnistettunistekundalikitetunistettunistet
annnistettunistekundalikitaannistettunistekundalikitaannistettunistekundalikitaansistettunistekundalikitä
              ATVORFILLAUNNIGEET AAAANNIGEET TAAANNIGEET TAA
                  ittilinistittinistittilinistittinistittinistittinistittinistittinistittinistittinistittinistittinisti
Tittinistittinistittinistittinistittinistittinistittinistittinistittinistittinistittinistittinistittinistittini
unnisteedaaristssikvoojistadannisteedaanisteedaanisteedoojistadannisteedaan
varteedoojistadannisteedaaristssikvoojistadannisteedaaristeedoojestadaaristeedooj
                                                  gannettttisseetttisseerikaannetttisseetttisseetttisseerikettisseerik
1115 ettelisseerikaannetttisseerikettisseerikettisseerikettisseerikettisseerikettisseerikettisseerikettisseeri
                   jitafanniktttanikttanikttaniktannikttanikt
  pritterrittillanistsleannisteerrijstsseerratis
```



j j j j a caligrafia da sequência das casas j j ¡¡¡¡ a caligrafia das roupas no varal ¡¡¡¡¡¡

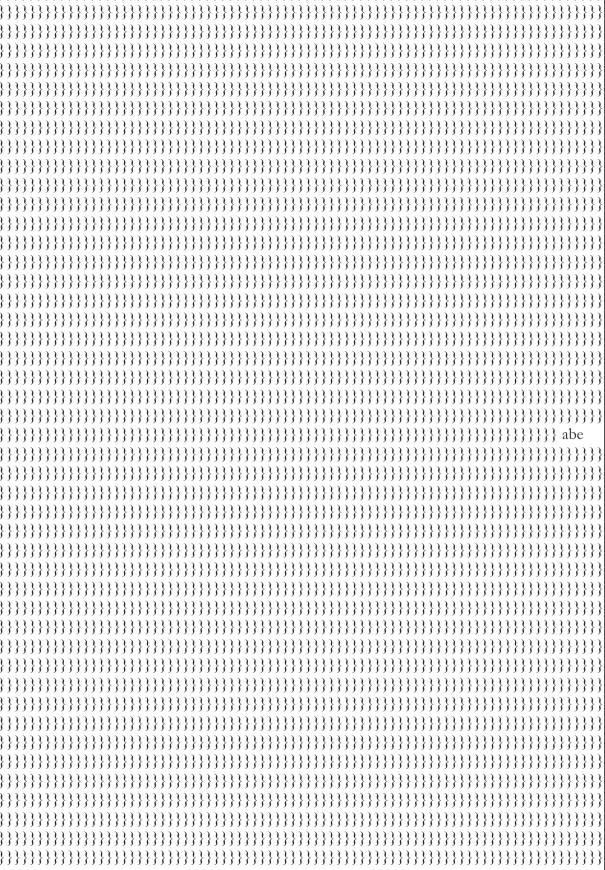
i i i i i a caligrafia da chuva i i i i i i i i i i i i i i

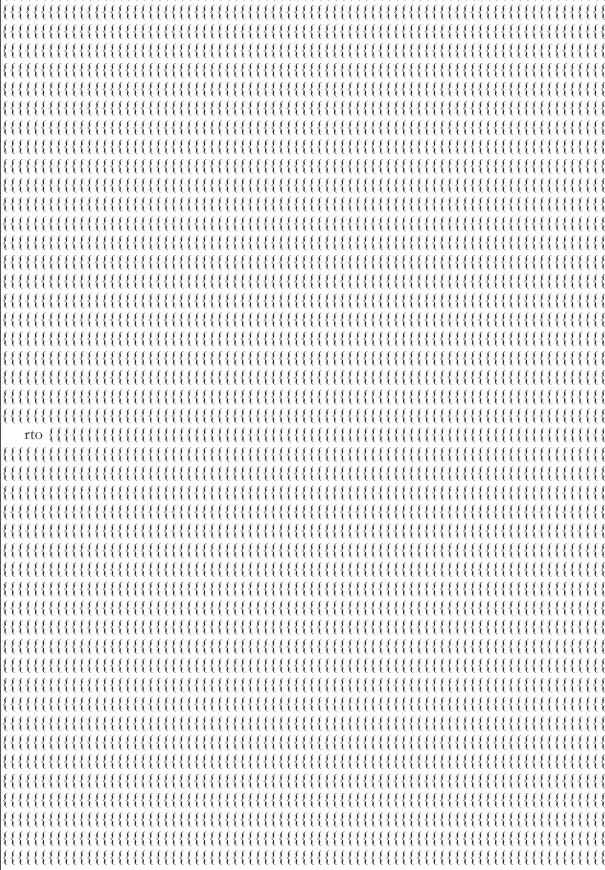
i i i i a caligrafia dos ossos i i i i i i i i i i

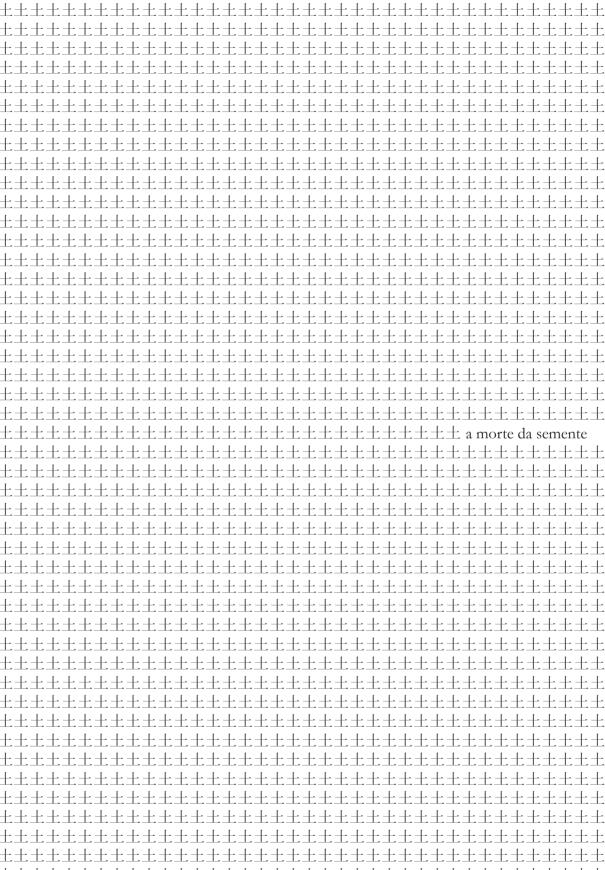
i i j j a caligrafia dos grãos | | | | | | | | | | |

i i i i i a caligrafia das placas de rua i i i i i i

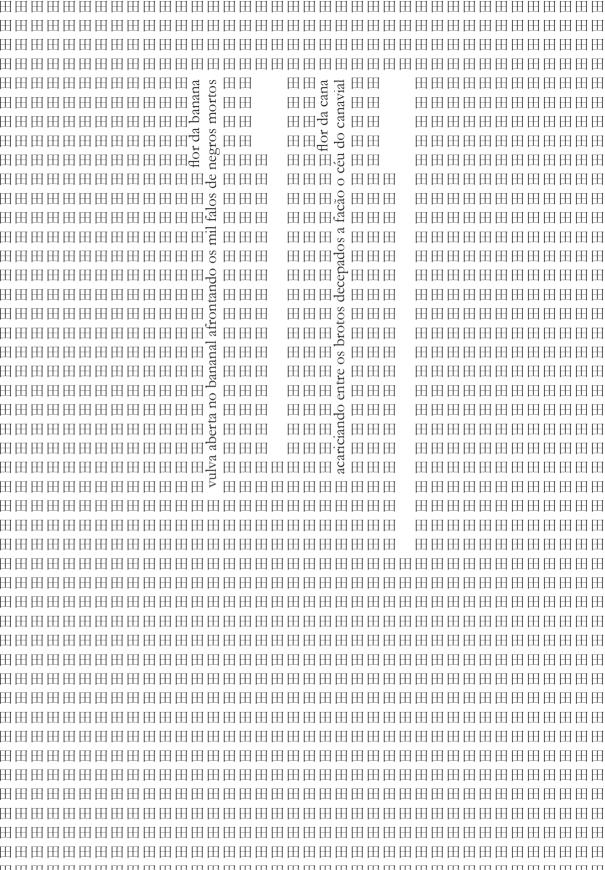
i i i i i a caligrafia das estrelas i i i i i i

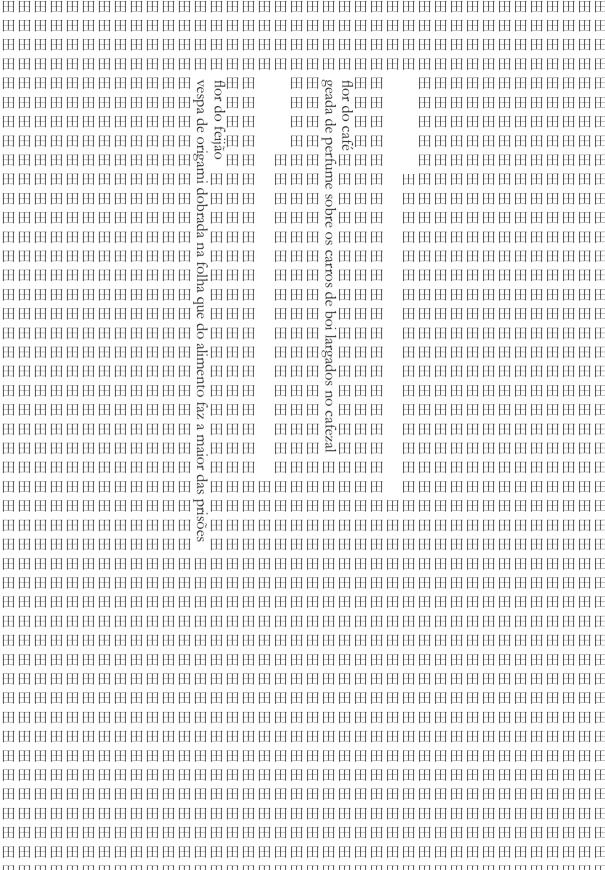








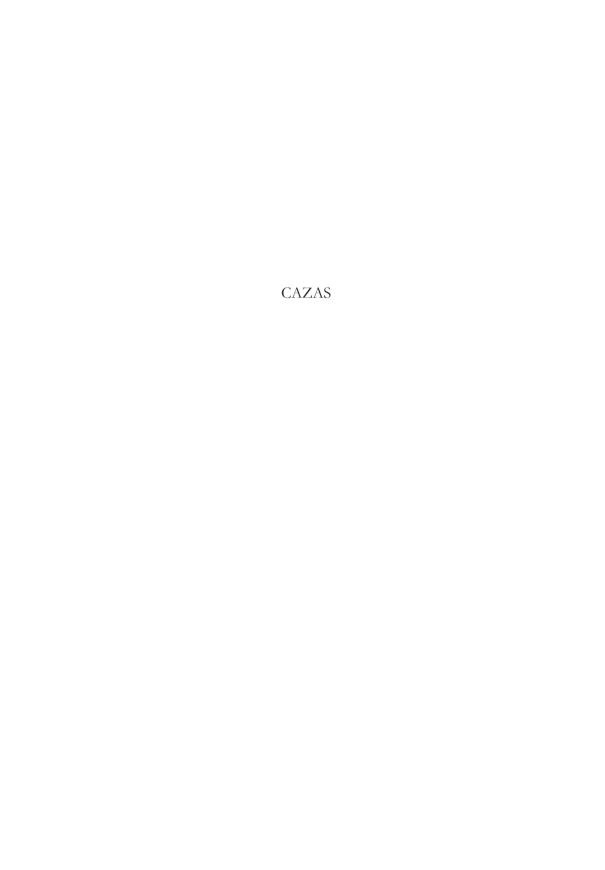




<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 ο
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 folhas
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 de
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 a
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 folha
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 de
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 de
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 medra
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 um
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 bosque
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 de
不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不 nãos
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>
<u> </u>

不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不不





geodesia celeste – algum traço de estrela nos tijolos

um aberto rente ao céu pelo que há de céu no baldrame das lajes

no trajeto das torres de alta tensão uma vida no extremo de outra mapeando a silhueta das casas atrás das portas

sopro divino na máquina água de planetas nas paredes

para erguer a morada é preciso escolher o céu sobre ela prever a geometria do quintal e da água

a geologia da casa aferida no olho-osso da lua

a casa é 30% tijolo e 70% sonho

casa-fruta casa-mundo casa-espiral infinita para dentro

as roupas nos varais arremedando o gesto dos moradores

na cozinha em cavalcante [cortinas desenhadas com sol e lua] a mulher tem no cabelo o dobro da idade [fruta-falo em seu ventre]

a história das damas sodomizadas nas paredes

na ontologia dos detalhes os utensílios têm parte com os delírios

a estrutura óssea da casa não suporta vibrações de realejo caber na casa como quem veste o ar e dela conceber as crianças

os filhos são mais filhos da casa e medem com a idade a idade dos móveis

a sucessão das gerações dos gatos nos telhados

o mundo da casa cabe no quintal

e o desmundo à volta onde cabe o quintal a ser desfeito além do portão

as cartas chegam para provar que a casa está ali sua trajetória acidental é o que define os números em uma rua a casa nos respira com seu tórax de alvenaria

nós – um tumor nas entressalas

o lado mais ruidoso do sossego chiando nos rádios e nos santos de gesso

as paredes alinhadas às notícias do dia atuais na infinitude do momento em que foram lidas

o *déjà vu* é o mesmo instante em outra possibilidade

uma anticasa habita as casas e uma outra casa habita em nós um tumor surgido na omoplata esquerda bloco de laje alojado entre vértebras

uma gestação de lâmpadas moídas algo de entulho argila brita e uma íngua de carne ao avesso do reboco

casa-medula num engano de coluna

pedra-casa no rim de um estranho emparedado por dentro claridade mineral da manhã oxigênio invertido na anticasa

jardim de gesso encerrado em gesso e uma goiabeira calculada no xadrez do perímetro

a casa é uma pedra dobrada

matéria escura do branco ali onde a luz inaugura a luz

as telhas mastigam-se umas as outras antigo minério de nuvens nos dentes

e uma estrela mecânica rangendo o fim do mundo na dobradiça dos portões janelas com casas dentro por trás da colina o subúrbio de outro país

à tarde as cozinhas conspiram um mesmo cheiro um fumo de café e manteiga fubá e prosdócimo

e a dama azul vestida de terra também casa seu nome e carne ao avesso

a casa escreve no espaço o próprio espaço contra a casca do mundo pela melopeia das plantas

a carambola-flor frutificando no pomar de alguma rua em quintino

à noite os pensamentos são mais obscuros os quintais se recolhem e as lâmpadas dão seus pêssegos de luz escutar a rotação da terra esta como pedra polida pelo tempo

como entender que os cômodos se repetem nas casas de outros países

ou que os lugares se imprimem com mínima variação

as pessoas mero ornamento entre móveis [por vezes trocadas antes da geladeira]

em cada cama da cidade uma mulher fecunda outra cidade

polis multiplicada durante as noites

nas ruas há mais desconhecidos que pessoas e certamente mais casas que palavras os lugares chegam segundos antes de estarmos lá

[há ruas que nunca chegam]

o bairro é reposto a todo instante cada quadra a cada segundo para que nunca falte espaço

à noite as ruas permutam as esquinas evitando esbarrar em si mesmas

à noite só existe o contorno de luz do poste todo o resto um estado por definir

no dia seguinte a vizinhança retorna plena de afeto

e pelas manhãs até deus se enternece

mesmo as tubulações têm escrita na sentença dos esgotos

nas articulações dos registros no pulso dos encanamentos que é puro ar

uma casa irrigada por outra de água construída segundo a própria sombra

quando uma cidade nasce traz outra no ventre

o esgoto respira pelas brânquias dos bueiros o esgoto nos sonha pelo cu o cítrico vitríolo das folhas numa calha as frutas dentadas sobre a grama

este húmus temperado esperando na chuva pelo cisto sebáceo de uma viga

cidade endentada revestida de edifícios

no meio do terreno de brita uma árvore guarda o contorno da casa que não voltou

em todo terreno baldio uma ausência pelos que ali teriam vivido

a infusão de folhas no chá das tardes

a casa é desculpa para janelas e convive com suas outras plantas possíveis

pilha de ossos rejuntada por baratas

das janelas guindastes têm serenidade de poeta ou o delicado balé das máquinas grosseiras

por mais sólido todo edifício almeja leveza de paisagem

e a chuva dedilha o telhado como noutras terras um talo de milho canta a secura do vento

graças à janela a casa resiste a labirinto nas ruínas as janelas duram mais o tempo no quintal passa mais devagar que na calçada

mesmo ali em frente ao portão bem ao lado do canteiro de flores

o quintal é para a infância como a calçada é para o porvir

árvores e cães fazendo a história ali onde a história não depende do mundo

e toda a arqueologia dos brinquedos perdidos o coração atravessado pelos muros

o quintal ao lado não existe fora do nosso próprio quintal uma fenda no extremo centro da casa defluindo para dentro de si mesma até outra casa

orifício ínfimo que não escapa à luz afunilado até o fim das horas

por onde o tempo de vida dos seres escapa assim como adere aos relógios de parede

os objetos nos roubam a vida e distribuem a esmo acrescendo camadas de ruínas ao que antes só tinha cor

a narrativa que narra a casa tem mais nós que a narrativa que narra o morador na impermeabilidade à chuva a casa responde ao céu

e até o prédio mais novo confere no nascimento o desenho das rachaduras o desnível do emboço

toda casa rege uma estrela

e os moradores [pastores de casa e estrela] estocando fantasmas nesses tijolos mais leves que a manhã

toda casa é esboço para a ruína que será um dia

a cada edifício erguido uma outra paisagem substitui a anterior ali onde o mundo é um teatro luminoso alguma rua perdida entre becos

pé de pitanga na calçada esquerda armazém por trás do hidrante

neste bairro onde não se entra um trem avança com válvulas de petróleo

um trem que passa no quintal dos fundos pouco antes do café da tarde e ninguém nunca vê

a casa faz supor os objetos jamais pensados estes na iminência do existir

meros acidentes no arranjo aleatório dos astros

as ruas ignoram os mapas não se preocupam em encurtar caminhos

as ruas mais altas coladas no céu com seus argonautas do entulho no quintal da casa do beco de trás

as ruas se enganam às vezes erram o trajeto desprezam a porcelana das flores a dentição dos bueiros

carpideiras no vento e amores incompletos na dobra de todas as esquinas

[toda rua é um acaso de outra rua]

os caminhos bifurcam por indecisão geminam para economizar destinos

do lado de dentro um quarto nos anos 80

do lado de fora uma rua em marechal hermes numa calma de meio-dia

algo preso entre eles

o sol na janela varando os anos da casa alcança um hoje onde nada nunca existiu

o mundo fora do quarto é exatamente aquilo que disseram que seria

e os mortos permanecem apenas como gravação repetida do que foram em vida o rio é o contorno de outra cidade que não é o rio

e mesmo s. paulo poderia ter outro nome e ser outro lugar disfarçado nas mesmas ruas

todas as cidades são uma mesma cidade o que muda é a ordenação das quadras

sua escrita no épico dos entroncamentos

pois não importa onde se esteja aquela janela é de uma cozinha numa infância em rocha miranda

entravada numa rua que nunca desiste de tentar fugir da cidade na carta celeste o plano do metrô uma conexa correspondência

e dentre as tantas possibilidades invejar as vidas que se deixou de viver cada destino não cumprido por atraso nas conexões

sofremos em nós todos as perdas do mundo

mesmo o traçado dos mapas é um delírio das cores do desenho

pessoas demais sonhando uma tarde

espinha de peixe ressequida no ar todo esse andaime entre edifícios

castelo de tubos silvando como pífanos

e a vida decantada compacta nos plásticos e a certeza das fábricas sem origem

dom de viver outra vida no banco das praças no pátio dos prédios

no coração das quadras uma laranjeira arma frutos apurando os mínimos pormenores do açúcar como se isso fosse toda a razão da cidade

do cenário tão doméstico o sono do deus dentro da casca de uma laranja estas ruas do caju terminadas no mar guardadas na água como relíquia

casas naufragadas com vista para um leviatã desconhecido

nos arrabaldes que dão no cais uma ladeira de pedra conformada nas vagas

recebendo um rio de alumínio reluzente a seiva dos geradores no ventre de lâmpadas submersas

o céu dessas casas na superfície do porto

em um novo bairro adaptar-se às formulações do espaço

decorar os detalhes conciliar os mapas com as vias e levantar outra cidade entre as ruas

pedra a pedra como linguagem até que o estranho pareça ter sido sempre familiar

só assim este bairro poderá um dia finalmente ser encontrado

fundar um bairro em outro bairro cobrir as ruas com outras ruas

tão rua na partida quanto na chegada

os idiomas variam pelos lugares mas também pelo tempo e toda nova palavra faz vibrar as paredes dos edifícios

permutam os verbetes nos dicionários desde o início fazendo rever tudo o que um dia foi dito

e os cemitérios são miniaturas de cidades com miniaturas de casas a necrópole como assentamento tardio

cemitérios verticais com estátuas horizontais os cômodos-mirantes voltados para o sol há duas casas em cada casa uma dentro e outra fora do sonho

portanto há duas cidades em cada cidade uma tão complexa quanto a outra

uma cidade no futuro da luz reflexo daquela no passado das retinas

toda cidade brilha em dois mundos como mapa uma da outra

enquanto a vida surge e desaparece no meio delas

somente o número do telefone coincide nas duas casas

a cidade permanece onde está o nome





toda a aldeia é um labirinto móvel para cães e de nunca haver gente sempre nos adequamos a ser outro

a aldeia contém dentro três outras aldeias que nunca se tocam

e somatizam nos habitantes até deformá-los

mas o pôr do sol é sempre esse desde o princípio do sol e do estado das coisas

o pôr do sol que se ama como latão velho e tudo o mais é variação de pedra

neste lugar onde até o deus é de granito e tem sonhos de pedra com fêmeas mortais num jardim de areia e pedra

onze paisagens na janela e cada dia é um dia

é preciso partir antes que chegue outro pois também as coisas perecem mais rápido do que percebemos

e é triste notar que nada permanece de nosso antes mesmo que não se esteja mais aqui 2.

a última estrela da noite vingou na primeira luz da aldeia

foi quando ela veio atravessando os pomares e as primeiras flores em seu vestido azul e sentou-se ao meu lado no meio-fio e esperamos amanhecer este é um templo como é templo o colar de dentes desta que agora é minha amante

sua boca que certa vez beijou um folião no carnaval do engenho novo

desde então tem escamas nos dentes pérolas nos dentes dentes nos dentes

seu corpo é templo por dentro e à volta maior que toda ela enorme nela e circunda sua cabeça como um músculo

um templo só pode ser compreendido de dentro do templo

é no templo que está guardado esse amor incondicional

somos templo um do outro

4.

a paisagem descola do horizonte

ao pé da fonte comemos tangerinas frescas enquanto a lua madura num galho baixo

as palavras condensando o frio na bruma-flor do seu hálito

simples é pensar nos caminhos que partem desta aldeia esses trens europeus com trilhos serenos

não foram em vão os favores do vento no cabelo das colegiais algumas ternas outras safadas

para uma casa ilhada na névoa seus dois olhos-alimento como erva recém-cortada

o amor não acaba o que acaba é a paciência

e esse dia terá sido uma lembrança boa dentro de um dia bom

não supomos que a solidão que tínhamos um no outro se tornaria mera ausência

um dia dançamos no saguão de um hotel em buenos aires um dia cuidei de sua costela quebrada

mas irajá não cabia em monsanto icaraí ou realengo não cabiam nossas imagens não cabiam na paisagem

quando ela se foi largou os dias sem ninguém para recordá-los

um dia fêmea uma dia mãe um dia morta da memória só sabemos o nome

ela não existe fora de si como o tempo não se move fora dela

a memória só comprova a si própria

equidistante na ida e no retorno esse caminho do qual nos separamos juntos

estamos na memória como estamos na casa e nela habitamos sós

quando tudo silencia a música parece ter sido ilusão

monsanto foi o fim de sua própria história desacontecida conforme contada

as ruas semiapagadas num sonho já velho lá onde ainda podem ser caminhadas





aqui do estômago desta baleia a cidade é um cardume cintilante e a estátua de drummond tem as costas ao oceano – as estátuas são para os homens não para o mar

cultivar um peixe por dentro para um dia comê-lo

esperando uma mulher surgir da precisão da ossada

um dia somos felizes em nosso jardim cetáceo e ela caminha suavemente ao meu lado sonhando o domingo mais triste do mundo no subúrbio do lado de lá

um dia estamos na meia-idade e bebemos porque não há opção

e o guindaste no cais estará esmagado como um inseto morto diante das mil falhas na goela das águas

o mar está na foto dos homens não no sonho das estátuas

faleiro | joice

um dragão com quatro corações desperdiçado ali num valão em pilares

a dama cativando a besta foi um dia alguém que amei o épico de cada pequena história de amor

foi lendo tabacaria para mim na universidade que seus cabelos passaram a ser meus

e como a água que conforma o corpo quando conformada por ele assim foi gerado o filho que nunca teremos

esse dragão articulado nas manilhas do bairro

ela enroscada no tapete da sala o cosmético calcário do caracol sua voz através do mar é o próprio mar em travessia

chamamento remoto de mulher equilibrada nos rochedos

é também credível viver fora dos peixes dentro de um farol no extremo das docas

e nos encontrarmos agora mais por vício das marés que por desarranjo do acaso

o mar está entre nós e por isso nos une

a mesma palavra que cabe em minha boca cabe na sua

em sua boca cabem todos os oceanos

desce contra seu nome outro nome pois quando voltasse talvez não fosse mais humano

talvez peixe ou marinheiro adornado de calcário

ela espera por esse estrangeiro que virá do mar vestido de carretéis e anzóis arrastões e pulsares cavalgando um tubarão mecânico de dez dentes manipulando ideias de água

ele trará a televisão e o jantar e dormirão abraçados depois da novela

no dia seguinte regará as plantas alugará um filme e dirá distraído que até o céu dos subúrbios tem algo de marinho

partirá como quem chega no momento exato para jamais ser de onde se esteja

e ela desejará que se vá não se separa os homens dos peixes lisboa nasceu de um terremoto.

o mesmo que dizer: nomearam os escombros diante do rio deram nome ao nome cidade o nome de outro lugar que coube ali no mesmo lugar

polis inventada por um poeta e esquecida por outro precisamente encaixada na cópia de si mesma coincidindo na janela a paisagem que está lá fora

a cidade é a parte mais encantadora das pessoas

e ademais veio ela que veio suave e se foi rio diante do rio ilha encouraçada por dentro como sentença do idioma que inventou para si

nenhuma cidade é real diante do tejo

lisboa é só mais um nome nomeando um tempo futuro onde haja um grupo de gente jovem ao qual se pode pertencer na velhice as libações ao mar e a libação das ondas em correlata simetria

oferenda perpétua pelo que foi antes ofertado como gratidão mútua entre o deus e o navegante

como esta que me foi trazida na arrebentação e agora se lança outra vez às vagas

para começar onde terminava

- anacíclica ana
- anagrama nau
 impreciso como a flexão que do rio se faz ria

que sendo água cabe em muitos nomes que sendo maré inventa a viagem

graça e perda na fuga de céu pelo cordame das velas faz do navegante o herói do próprio acaso

mosa | lucy

traduzir você da água um abecedário de afetos para chegar ao nome

[a água é também um idioma]

cerâmica azul leitosa essas duas medusas em sua cara e uma cidade no meio onde compartimos um pouco do mesmo destino

[suas pernas têm a majestade daquela ponte]

uma noite – e foi a vida inteira – aprendemos o suficiente de nós para nos esquecermos

quantas vezes é preciso partir para deixar um lugar

deste em que você tornou-se fundação de todos os lugares seguintes

poderíamos ter sido felizes naquela cidade ainda que não fosse possível

deus é somente uma discrepância entre duas línguas

de todo o jardim escolho a córnea rajada de sua flor

ou a flor rajada entre as pernas no ventrentre os olhos

é inteiramente flor sua presença recolhida no abstrato de qualquer pensamento

nem luzes com bolor nem o seio repousado na mão

a florolho vê enquanto é vista adorna quem lhe adorna

às sutilezas dos lilases-quase-ferro nesse cárcere do ver

íris-rosácea na estremadura idade da cara como se calculada da extrema idade da terra

a memória do improviso das folhas no rio que corre em cada planta

plantada em toda fisionomia

sarela |

os pequenos rios são também navegáveis pelas paixões imediatas

toda distância real sonhada através dos mapas

é necessário um pacto com a água para se compreender a água

pois os oceanos são tão delicados quanto os regatos

quem vive diante do mar habita em todas as partes quem vive diante de um rio habita o silêncio e o espetáculo da morte



 $\acute{\rm E}$ possível que Paul Valéry não tenha existido. Neste caso – e para todos os outros efeitos –, os poemas deste volume poderiam ter sido escritos por mim.